

M 2013

SOBRE A SEMÂNTICA DO TEMPO PRESENTE EM PORTUGUÊS EUROPEU E PORTUGUÊS DE ANGOLA

RITA SEBASTIÃO BARBAS DALA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA
À FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
LINGUÍSTICA

Rita Sebastião Barbas Dala

Bolseira do Erasmus Mundus ACP-ação II

2º CICLO DE ESTUDOS EM LINGUÍSTICA

**SOBRE A SEMÂNTICA DO TEMPO PRESENTE EM PORTUGUÊS
EUROPEU E PORTUGUÊS DE ANGOLA**

2013

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Pimenta de Oliveira

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/Relatório/Projeto/IPP:

Versão definitiva

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Professora Doutora Maria de Fátima Pimenta de Oliveira

A grande responsável por despertar em mim a paixão pela semântica composicional. Será sempre exemplo de dedicação e compromisso. Obrigada por confiar e ter estendido a mão sempre que precisei; por servir de apoio e partilhar o muito do seu conhecimento ao longo destes dois anos; por ser um exemplo de docente e investigadora.

AGRADECIMENTOS

Ao criador, salvador e mantenedor da vida, que confere ao homem toda a sabedoria e juízo, por abrir portas e iluminar o meu caminhar, por me conduzir e conceder discernimento.

Aos meus professores Prof^a Ana Maria Brito, Prof. João Veloso, Prof^a. Fátima Silva e Prof^a Purificação Silvano, muito obrigada por tudo.

Não quero deixar de agradecer ao Agatângelo Santos, Luisa kovolo, Joana Carvalho, Margarida da Cunha, Moctar Balde, Danifo Chitumia, Rafaela Leão, Arcádio Roberto, Luzolo Garcia, Naira Sousa, Antónia Manuel, Celso Malovoloneke, Clemente André e Teodora Leite que de forma inestimável me encorajaram nesta jornada, bem como as suas preciosas sugestões na realização deste trabalho.

Aos meus pais, irmãos e familiares António Barbas, Maria Sebastião, Maria António Barbas, Madalena Barbas, Armindo Barbas, Agostinhos Barbas, Feliciano Barbas, Damasceno Dala e Adilson Barbas, a vocês reconheço e agradeço por serem meus alicerces.

Ao meu marido, Carlos João Dala, e aos meus filhos, Cláudia Pires, Marília Dala, Jackline Dala e Carlinhos Dala, que direi eu? Em vocês busco a força e a alegria de viver. Muito obrigada pela confiança e esforços consentidos ao longo destes dois anos.

Gostaria de deixar registado, para todos os que me têm acompanhado nesta caminhada, a minha profunda e sincera gratidão.

RESUMO

O objetivo central do trabalho é o de analisar a semântica do Presente do Indicativo em frases completivas finitas de textos da imprensa escrita no Português Europeu e no Português Angolano, a fim de identificar os tipos de interpretação que este tempo proporciona nesse tipo de textos.

Para tal, organizámos a dissertação em quatro capítulos. No primeiro capítulo analisámos questões gerais sobre o Tempo à luz das propostas teóricas de Reichenbach (1947), Comrie (1985) e Kamp e Reyle (1993), que nos forneceram conceitos gerais que serviram de base para análise do *corpus*. No segundo capítulo abordaram-se questões gerais sobre Aspeto com base em pressupostos teóricos de Moens (1987), Moens e Steedman (1988) e também em trabalhos de Cunha (1998) e Oliveira (2003), que nos proporcionaram um quadro geral sobre as classes aspetuais das predicções.

No terceiro capítulo fizemos uma abordagem do Presente partindo da descrição feita pelas gramáticas de Celso e Cunha (1984) e Mateus *et al.* (2003) e ainda em outros trabalhos. Por um lado, concluímos que o Presente pode ter uma leitura temporal e aspectual; por outro lado, sendo o Presente considerado um operador de mudança aspetual, verificámos que, com Estados, propicia uma leitura de “presente real” e, com Eventos, desencadeia alterações aspetuais que se traduzem numa leitura de carácter habitual.

No quarto capítulo fizemos a apresentação e análise dos dados, com base na teoria temporal de Kamp e Reyle (1993) e na proposta teórica de Moens (1987) e Moens e Steedman (1988) sobre as classes aspetuais, assim como em algumas propostas de Silvano (2002).

Como o Presente do Indicativo apresenta um comportamento semântico bastante diversificado, optámos por identificar apenas as diferentes interpretações que o mesmo permite em textos jornalísticos de imprensa escrita e por verificar as implicações linguísticas que advêm dessas interpretações, sobretudo em frases subordinadas completivas finitas. Deste modo, colocámos as seguintes questões: (I) Qual é o comportamento semântico do Presente do Indicativo quando ocorre com as diferentes classes aspetuais básicas? (II) Que tipos de interpretações o Presente pode fornecer e que implicações linguísticas daí advêm? (III) Como o Presente do Indicativo pode ocorrer

associado ao verbo da frase matriz ou da frase encaixada, o seu posicionamento influencia o tipo de interpretação? Como são localizadas temporalmente estas construções?

A pesquisa realizada permitiu concluir que o Presente do Indicativo proporciona, nos textos jornalísticos, as seguintes interpretações: Duplo acesso, Pré-presente e Presente habitual. Quando ocorre como tempo do verbo da frase matriz, tipicamente tem interpretação de pré-presente; quando ocorre como tempo da frase encaixada, tem interpretação de duplo acesso e quando ocorre nas duas frases, se o verbo da frase matriz for um evento, podemos ter duas leituras associadas – pré- presente e estado habitual.

ABSTRACT

The central objective of this study is to analyze the semantics of the Present tense (Indicative) in written press texts in finite complement sentences in European Portuguese and Angolan Portuguese in order to identify the types of interpretation that this tense provides in this kind of texts.

To achieve this goal, we organized the thesis in four chapters. In the first chapter we analyze some general issues on tense in light of the theoretical proposals of Reichenbach (1947), Comrie (1985) and Kamp and Reyle (1993) who provided general concepts that served as a basis for analysis of the *corpus*. In the second chapter we addressed general questions about Aspect based on theoretical assumptions by Moens (1987), Moens and Steedman (1988) and also existing work of Cunha (1998) and Oliveira (2003) who have provided a general framework about aspectual classes-of predications.

In the third chapter we present some observations found in Cunha and Cintra (1984) grammar and also in Mateus *et al.* (2003) and other studies. We can say that the Present tense exhibits not only a temporal reading but also an aspectual one. When combined with states, it provides generally a “real present” reading but when combined with events, the present works like an operator, triggering a habitual reading, in most cases.

In the fourth chapter we present the data and we analyze it using some Kamp and Reyle (1993) temporal concepts and also Moens (1987) and Moens and Steedman (1988) on the aspectual classes, as well as some of Silvano’s (2002) proposals.

As the Present shows a semantic behavior quite diverse, we decided to identify only the different interpretations that it provides in written press news and check linguistic implications arising from these interpretations, especially in finite complement clauses. Thus, we ask the following questions: (I) What is the semantic behavior of the Present (Indicative) when it co-occurs with different aspectual classes? (II) What are the different interpretations that the Present can provide and what are their linguistic implications? (III) As the Present can occur associated with the verb of the matrix sentence or with the embedded one, does its position influence the kind of interpretation? How these constructions are temporally located?

This research allows us to conclude that the Present provides the following interpretations in journalistic texts: Double Access, Pre-Present and Habitual Present. When it occurs in

the matrix sentence, it shows typically a Pre-Present interpretation, when it occurs in the embedded sentence it has mainly Double Access interpretation. When it occurs in both sentences and the verb of the matrix sentence is an event, we can have two readings associated (Pre-Present and Habitual state).

RÉSUMÉ

L'objectif central de ce travail est celui d'analyser la sémantique de l'indicatif présent dans des phrases complétives finies de textes de la presse écrite en portugais européen et en portugais angolais, afin d'identifier les types d'interprétations que ce temps fournit dans ce genre de textes.

Dans ce but, nous avons organisé la dissertation en quatre chapitres. Dans le premier chapitre, nous avons examiné les questions générales concernant l'indicatif présent à partir des propositions théoriques de Reichenbach (1947), Comrie (1985) et Kamp et Reyle (1993). Dans le deuxième chapitre, nous avons examiné le problème de l'aspect, selon les théories de Moens (1987), Moens et Steedman (1988) et les travaux de Cunha (1998) et Oliveira (2003), qui nous ont donné un aperçu général des classes aspectuelles des prédications.

Le troisième chapitre est consacré à la description du temps Présent faite par les grammairres de Celso e Cunha (1984) et Mateus *et al.* (2003) et dans d'autres ouvrages. Nous avons pu conclure que le temps présent peut avoir une lecture temporelle ou aspectuelle et qu'il peut être considéré un opérateur de changement aspectuel qui génère une lecture de "présent réel " s'il se combine avec des états, tandis que, avec des événements, il déclenche des changements aspectuels qui se traduisent dans une lecture habituelle.

Dans le quatrième chapitre nous présentons et analysons des données, en adoptant la théorie temporelle bidirectionnelle de Kamp et Reyle (1993), quelques contributions de Moens (1987) et Moens et Steedman (1988) à propos des classes aspectuelles, ainsi que certaines propositions de Silvano (2002).

Puisque l'Indicatif Présent présente un comportement sémantique très diversifié, nous avons décidé d'identifier uniquement les interprétations qu'il génère dans les textes de la presse écrite et d'analyser les implications linguistiques de ces interprétations, surtout dans les phrases subordonnées complétives finies. Ainsi, nous avons posé les questions suivantes: (I) Quel est le comportement sémantique de l'Indicatif Présent lorsqu'il se combine avec les classes aspectuelles basiques? (II) Quelle sorte d'interprétations l'Indicatif Présent peut admettre et quelles implications linguistiques en découlent? (III) Si l'Indicatif Présent peut apparaître associé au verbe de la phrase matrice ou à celui de la

phrase intégrée, est-ce que ça peut entraîner un changement de l'interprétation? Comment se situent temporellement ces constructions?

La recherche effectuée a permis de conclure que, dans les textes journalistiques, l'indicatif présent fournit les interprétations suivantes: Double accès, Pré -présent et Présent habituel. Quand il se surgit dans la phrase matrice il a généralement une interprétation de pré-présent, mais s'il est le temps de la phrase intégrée, il a une interprétation de double accès ; quand il apparaît dans les deux phrases et le verbe de la phrase matrice est un événement, on peut avoir deux lectures associées (pré-présent et état habituel).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 QUESTÕES GERAIS SOBRE O TEMPO	17
1.1. Conceções de tempo linguístico	17
1.1.1.O tempo como categoria gramatical.....	20
1.2. As teorias de tempo.....	21
1.2.1.Reichenbach (1947).....	21
1.2.2. Comrie (1985)	25
1.2.3. Kamp e Reyle (1993)	30
1.3 Sequências de tempos verbais.....	32
CAPÍTULO 2 QUESTÕES GERAIS SOBRE O ASPETO.....	37
2.1. Considerações gerais sobre o Aspeto.....	37
2.2. Teorias sobre o Aspeto	39
2.2.1. Proposta de Moens (1987) e Moens & Steedman (1988)	40
2.2.3. Oliveira (2003)	41
2.3. Alguns tempos gramaticais do modo Indicativo.....	44
2.3.1. O Pretérito Perfeito.....	44
2.3.2. O Imperfeito	45
2.3.3. Pretérito Perfeito Composto	45
2.4. Estados faseáveis e Estados não faseáveis.....	47
2.5. Predicados de indivíduo vs predicados de fase	48
CAPÍTULO 3 O PRESENTE DO INDICATIVO	52
3.1. Sobre o Presente do Indicativo	52
3.1.1. Cunha e Cintra (1984)	52
3.1.2. Mateus <i>et al.</i> (2003)	53
3.2. Os diferentes usos do Presente do Indicativo	54
3.2.1. O Presente do Indicativo descritivo	54

3.2.2. O Presente do Indicativo narrativo.....	55
3.2.3. O uso do Presente do Indicativo como projeção para o futuro	56
3.3. O Presente e as classes aspetuais de predicções.....	57
3.3.1. O Presente com processos	58
3.3.2. O Presente com processos culminados	58
3.3.3. O Presente com culminações.....	59
3.3.4. O Presente com pontos	59
3.3.5. O Presente com estados	60
3.4. O Presente do Indicativo no contexto das frases genéricas	61
3.4.1 O Presente com predicados de indivíduo	62
3.4.2. O Presente com predicados de fase	62
3.5. O Progressivo.....	64
3.5.1.O carácter estativo das construções progressivas.....	64
3.5.2.O Progressivo e as classes aspetuais de predicções.....	65
CAPÍTULO 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	69
4.1. Características do texto jornalístico	69
4.2. Apresentação dos dados do Português Angolano	70
4.3. Apresentação dos dados do Português Europeu	73
4.4. Análise dos dados	76
4.4.1. Interpretação de Duplo Acesso	77
4.4.2. Interpretação de Presente habitual.....	78
4.4.3. Interpretação de Pré-presente	80
4.4.3.1. Alguns casos com mais de uma leitura	81
4.4.4. O Presente Progressivo	83
CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

LISTA DE SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

*	Frase agramatical ou inaceitável
??	Frase muito pouco aceitável
/	Múltiplas funcionalidades
Pr	Presente
PP	Pretérito Perfeito
Imp	Imperfeito
Fut	Futuro
P+qP	Pretérito mais que Perfeito
Cj	Conjuntivo
Inf	Infinitivo
Prg	Progressivo
SA	Semanário Angolense
PE	Português Europeu
PA	Português Angolano

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico I. Ocorrências dos tempos verbais nos verbos introdutores.	71
Gráfico II. Ocorrências dos tempos verbais nos verbos das orações subordinadas.	72
Gráfico III. Ocorrência dos tempos verbais nos verbos introdutores.	74
Gráfico IV. Ocorrência dos tempos verbais nos verbos das orações subordinadas.	75

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro I. Estruturas e tempos verbais.....	22
Quadro II. Representação dos tempos absolutos.....	26
Quadro III. Representação dos tempos relativos.....	27
Quadro IV. Representação do tempo absoluto-relativo Mais-Que-Perfeito.....	28
Quadro V. Representação do tempo absoluto-relativo para caso especiais.	28
Quadro VI. Representação do Futuro Composto.	28
Quadro VII. Representação dos tempos absolutos-relativos.	29
Quadro VIII. Representação dos tempos.....	32
Quadro IX. Representação dos eventos e estados.	40
Quadro X. Propriedades básicas das classes aspetuais.....	42
Quadro XI. Representação do Presente Descritivo.	55
Quadro XII. Representação do Presente Narrativo.	56
Quadro XIII. Representação do Presente com projeção para o Futuro.	57
Quadro XIV. Correlação dos tempos nas frases em análise.....	72
Quadro XV. Correlação dos tempos nas frases em análise.	75

INTRODUÇÃO

Os linguistas são unânimes em afirmar que o Presente do Indicativo localiza as situações num intervalo que se sobrepõe ao momento da enunciação (Celso e Cunha 1984, Kamp e Reyle 1993, Oliveira 2003a, entre outros). Entretanto, numa visão mais alargada, constata-se que o Presente não se resume apenas à sobreposição de situações, visto que revela ser um tempo com bastantes usos, diversas interpretações, tanto em termos de relações entre as situações, como em termos de localização temporal. Por outro lado, é o tempo preferencial dos textos de imprensa escrita. Assim, estudos relacionados com o comportamento do Presente do Indicativo continuam a ser importantes para melhor compreender este tempo com múltiplas funcionalidades.

O nosso interesse por esse tema surgiu, primeiro, do facto de os tempos verbais terem um tratamento diferenciado no âmbito da semântica e, segundo, do facto de o Presente do Indicativo apresentar uma enorme diversidade de usos e leituras. A constatação de que o Presente é um tempo recorrente em textos jornalísticos despertou ainda mais o nosso interesse por essa temática. Por todas estas razões, surgiu a questão sobre os tipos de interpretação que o Presente pode suscitar nos textos jornalísticos e as implicações linguísticas que delas advêm.

Assim, perante tal problemática, impõe-se encontrar respostas adequadas. Porém, tendo em conta a diversidade deste tempo, procuraremos confrontar as gramáticas e outros estudos existentes a fim de averiguar como os autores fazem o enquadramento semântico do Presente e principalmente que leituras do Presente identificam.

Em suma, são basicamente três os objetivos deste trabalho:

- Analisar de uma forma sucinta as diferentes abordagens da semântica do Presente do Indicativo, tendo em atenção a sua diversidade.
- Procurar fazer um tratamento específico do Presente do Indicativo com as classes aspetuais de predicação básica de modo a identificar o tipo de leituras.
- Verificar que tipos de interpretações o Presente do Indicativo revela no contexto de textos jornalísticos, em orações subordinadas completivas finitas e verificar a localização temporal das situações

Assim, destacamos a descrição do Presente encontrada na gramática de Mateus *et al.* (2003), onde é considerado que, com Estados, o Presente do Indicativo localiza uma situação num intervalo que se sobrepõe ao momento da enunciação e como consequência permite uma leitura de presente real; com Eventos, porém, esta leitura de presente real está restringida a relatos diretos e ao uso de enunciados performativos, tendo, nos outros casos, uma leitura preferencial de habitualidade. Temos a realçar também a proposta teórica de Kamp e Reyle (1993), que faz uma rápida abordagem do Presente e também refere que a eventualidade descrita pelo presente deve incluir propriamente o momento da enunciação. Sublinham ainda estes autores que o presente tem outros usos, tais como, o genérico, o reportativo e o histórico.

Os dados que constituem a base para o conjunto de reflexões e análises que compõem esta pesquisa foram retirados do *corpus* CETEMPúblico para o Português Europeu e, para o Português Angolano, foram recolhidos em jornais *on-line*, designadamente no *Jornal de Angola* e no *Jornal O País* e, também, no *Semanário Angolense*, no período entre 2012 e parte de 2013. O trabalho de análise basear-se-á na teoria temporal bidirecional de Kamp e Reyle (1993) bem como nos pressupostos teóricos de Moens e Steedman (1988) sobre as classes aspectuais; adotar-se-ão ainda algumas propostas de Silvano (2002).

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro aborda questões gerais sobre o Tempo à luz das propostas teóricas de Reichenbach (1947), Comrie (1985) e Kamp e Reyle (1993); o segundo capítulo aborda questões gerais sobre o Aspeto, com base na proposta teórica de Moens (1987) e Moens e Steedman (1988); o terceiro analisa de forma abrangente o Presente do Indicativo e finalmente o quarto capítulo faz a apresentação e a análise dos dados.

Importa realçar que, por razões de ordem técnica, as notas de rodapé estarão no fim de cada capítulo.

CAPÍTULO 1

QUESTÕES GERAIS SOBRE O TEMPO

O tempo é, tradicionalmente, concebido como “a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo”¹. No entanto, o tempo não se manifesta apenas por intermédio do verbo. Assim, neste capítulo vamos abordar algumas concepções de tempo, partindo da definição, uma vez que achamos pertinente para o estudo que nos propusemos realizar.

Seguiremos, então, com a análise de algumas teorias de tempo, centrando-nos, especialmente, na estrutura dos tempos verbais e na referência temporal, com base em estudos feitos por Reichenbach (1947), Comrie (1985) e Kamp & Reyle (1993), dado que estes nos dão um quadro geral de como as questões sobre o tempo foram sendo estudadas.

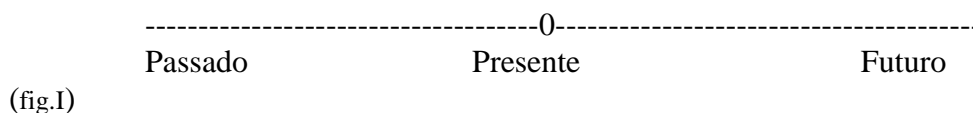
1.1. Concepções de tempo linguístico

Em Linguística, o tempo tem dado origem a profundas reflexões, devido às distintas formas em que se manifesta nas línguas. Entretanto, em quase todas as situações descritas nas línguas, verifica-se uma referência temporal.

Nesta perspetiva, Comrie (1985:3-4) afirma que todas as sociedades humanas têm uma noção de tempo:

“If one had no concept of time, then one would find just as natural a development where humans first appeared as dead, then came to life as old people, then grew gradually younger and eventually disappeared into their mother`s womb. (...) Needless to say, no human culture is known to have such a conceptualization of time”

Comrie considera ainda que o tempo pode ser representado como uma linha reta em que o passado é representado convencionalmente à esquerda e o futuro à direita. Quanto ao presente, será representado por um ponto zero nessa mesma linha. Assim, o linguista representa a localização temporal como na figura (I) (1985:2):



Deste modo, em favor da mesma ideia, Kamp & Reyle (1993) referem que a frase no tempo passado localiza a situação descrita antes do tempo da enunciação, a frase no futuro localiza a situação descrita depois do momento da enunciação e o presente, por sua vez, sobrepõe-se ao tempo da enunciação (1993:483).

Entretanto, Rojo & Veiga (1999) adiantam que, para se ter uma noção de tempo, é importante que se faça, primeiramente, a distinção entre o tempo físico, o tempo cronológico e o tempo linguístico². Porém, os autores fazem a distinção destes elementos baseando-se em Benveniste (1965).

Por conseguinte, Rojo & Veiga (1999:2874) concluem que o tempo linguístico se baseia no tempo cronológico embora não coincida totalmente com ele:

“El tiempo lingüístico puede, por tanto, ser provisionalmente representado como una línea con un punto central (0), doblemente orientada y abierta por ambos extremos, en la que los acontecimientos pueden ser situados en la zona de lo anterior (A), simultáneo (S) o posterior (P) al punto cero”.

Assim sendo, Rojo & Veiga não se distanciam, efetivamente, daquela que é a proposta de representação de tempo apresentada por Comrie (1985) e por Kamp & Reyle (1993). A propósito, Comrie (1985:5) refere que “it is an adequate representation of time for the purpose of analysing expressions of time in natural language”.

Kamp & Reyle concebem o tempo como uma sucessão de eventualidades que ocorrem em instantes ou intervalos de tempo, diferenciando instantes de intervalos da seguinte forma: “Instants will be those times that are, in the appropriate sense, “atomic” and intervals will be the non-atomic times” (1993:506). Para os autores, estas unidades de tempo podem suceder-se ou sobrepor-se.

Numa outra vertente, Guillaume (1990), citado por Binnick (2012:23), concebe o tempo como tendo dois sentidos, distinguindo-os em Tempo Descendente e em Tempo Ascendente: o primeiro “[...] reflects the experience in memory of time coming out of the future

and going through the present into the past”; o segundo expressa “where an action begun now, [...], will be completed in the foreseeable future”.

Neste sentido, para Guillaume (1990), citado em Hewson (2012:513), o tempo tem movimento e o autor afirma ser esta a visão ativa do tempo, em que as faculdades cognitivas empregam experiências passadas para compreender e para explicar o presente e projetar o futuro. Assim o autor conclui:

“This attribution of time to two opposing movements is a new far-reaching fact... Descending Time is the objective image of time... Opposed to this strictly objective image of time there is an inverse subjective image: that of time which opens out before us to allow us to carry out our intentions.” Guillaume (1990:141-142) citado em Hewson (2012)

Porém, esta ideia de Guillaume não foi aceita no mundo anglo-saxónico. Ainda assim, Hewson (2012) considera essas duas representações contrastivas do fluxo do tempo, propostas por Guillaume, como sendo a base para diferenciar os sistemas de tempos que de outra forma parecem ser muito semelhantes.

Por outro lado, o tempo linguístico, que localiza situações no passado, no presente e no futuro, é considerado pelos linguistas como uma categoria dêitica, Lyons (1977:705) esclarece “tense is a deictic category, which involves an explicit or implicit reference to the time of utterance”.

Oliveira (2012) partilhando a posição de Lyons acrescenta “porque o tempo faz localização, expressa não só relações dêiticas, mas também relações anafóricas”. Assim, as primeiras estabelecem relações com elementos extralinguísticos (cf.1) e as segundas estabelecem uma relação com elementos linguísticos (cf.2).

(1) Amanhã, vou ao hospital de São João.

(2) A Rita tinha saído quando o professor telefonou.

O tempo, portanto, concebe-se como uma ordenação linear orientada do passado em direção ao futuro. Por conseguinte, articula-se em três domínios: passado, presente e futuro. Em virtude desta característica, o tempo permite estabelecer relações de anterioridade, de simultaneidade ou de posterioridade relativamente a um momento escolhido como o de referência. Assim, a referência pode ser fornecida por elementos

extralinguísticos ou linguísticos e, por esta razão, o tempo também é considerado uma categoria relacional.

Finalmente, além de o tempo envolver localização e orientação no eixo do tempo, pode ainda envolver a dimensão de duração e estar associado a intervalos de tempo; e as situações podem antepor-se, sobrepor-se ou suceder-se.

1.1.1.O tempo como categoria gramatical

Desde a antiguidade, o tempo sempre foi visto como uma categoria gramatical, em certa medida, devido à natureza morfológica do verbo. Deste modo, para Platão e Aristóteles “a verb was above all a word which indicates time” (cf. Hewson 2012)

Com efeito, Gosselin (1996:9) também faz referência a Aristóteles e afirma que “le verbe, constituant essentiel de la phrase, est ce qui ajoute à sa propre signification celle du temps” e, segundo o autor, é assim que surge a designação “temporalité verbale” que significa, “le mode de manifestation du temps dans et par le langage”. Assim, a referência temporal é vista como uma propriedade atribuída ao verbo.

No entanto, muitos linguistas não estão de acordo com a ideia de que o tempo é uma categoria do verbo. A propósito disto, Royo & Veiga (1999) sublinham que ao se analisar a informação temporal de uma frase tem de se ter em conta os aspetos internos e externos. Efetivamente, esta afirmação coincide com a de Comrie (1985:9) ao fazer a distinção entre as frases em (3) e em (4). Na sua análise conclui que, em (3), a diferença entre as frases é temporal; em (4), porém, a diferença não é temporal mas sim aspectual.

(3) John sang and John sings.

(4) John sings and John is singing.

Deste modo, Comrie prossegue, justificando que no inglês as frases em (4) distinguem-se não temporalmente mas sim aspetualmente, o que vem confirmar a afirmação feita por Royo & Veiga.

Ainda na ordem da problemática de o tempo ser visto como uma categoria do verbo, Lyons (1977:678) defende que “Semantically, [...], tense is a category of the sentence”. Comrie (1985:12) corrobora esta ideia e argumenta:

“[...] tense should be regarded as a category of the whole sentence, or in logical terms of the whole proposition, since it is the truth-value of the proposition as a whole, rather than just some property of the verb, that must be matched against the state of the world at appropriate time point”

Por outro lado, estudos feitos mostram que existem várias línguas no mundo que não têm tempo verbal, mas apresentam referência temporal. Assim, Lyons (1977: 679) afirma:

“Though not all languages have tense, it is probably true to say that all languages have various deictic adverbs or particles of time, comparable with the English words “now”, “then”, “recently”, “today”, yesterday, etc which provide the means, when it is necessary or desirable, for drawing deictic temporal distinctions of the kind that are obligatory, and grammaticalized in the fullest sense as tense-distinctions, in such languages as English”.

Em conclusão, apesar de as línguas poderem manifestar o tempo de modo diferente, a forma mais comum de se marcar a referência temporal é através de tempos verbais, embora os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e certas construções temporais tenham também esta função.

1.2. As teorias de tempo

1.2.1. Reichenbach (1947)

A proposta de Reichenbach (1947) defende a necessidade de três pontos de localização temporal: ponto de fala (point of speech) *S*, ponto de referência (point of reference) *R* e o ponto de evento (point of event) *E*, apresentando assim uma estrutura ternária que pode organizar-se em dois grupos, em que a relação entre *R* e *S* é indicada pelas palavras passado, presente e futuro; e a relação entre *E* e *R* é indicada pelas palavras anterior, simultâneo e posterior. (cf. Silvano, 2002).

“The position of *R* relative to *S* is indicated by the words “past”, “present” and “future”.
The position of *E* relative to *R* is indicated by the words “anterior”, “simple”, and “posterior”, the word “simple” being used for the coincidence of *R* and *E*
“(Reichenbach (1947:297)

Efetivamente, encontramos no sistema de Reichenbach as seguintes estruturas e respectivos tempos verbais, como no Quadro I, conforme adaptado por Silvano (2002):

E-R-S	Anterior past	Past perfect	(pretérito-mais-que-perfeito)
E,R-S	Simple past	Simple past	(pretérito-perfeito simples)
R-E-S	Posterior past		
R-S,E	Posterior past		
R-S-E	Posterior past		
E-S,R	Anterior present	Present perfect	
S,R,E	Simple present	Present (presente)	
S,R-E	Posterior present	Simple future (futuro simples)	
S-E-R	Anterior future	Future perfect (futuro composto)	
S,E-R	Anterior future	Future perfect (futuro composto)	
E-S-R	Anterior future	Future perfect (futuro composto)	
S-R,E	Simple future	Simple future (futuro simples)	
S-R-E	Posterior future		

Quadro I. Estruturas e tempos verbais.

Deste modo, nas formas apresentadas, nos tempos absolutos ou primários *R* e *S* coincidem como é o caso do Simple Present, Anterior Present e do Simple Future. Quanto aos tempos relativos ou secundários, verificamos relações entre *R*, *S* e *E* como nos casos Posterior future, Anterior past e Anterior future.

No seu estudo, Reichenbach aborda também as formas verbais progressivas, denominando-as *extended tenses* e adianta que o referido tempo é por vezes usado para indicar não só a duração do evento mas a repetição.

Por outro lado, Reichenbach faz referência a que os tempos de várias orações são ajustados em função de algumas regras gramaticais. Deste modo, apesar de as orações apresentarem tempos diferentes, o Ponto de Referência *R* deverá ser o mesmo para todas elas de acordo com o princípio de “Permanência do Ponto de Referência” como em (5), exemplo do autor:

(5) “I had mailed the letter when John came and told me the news”.

1ª oração: $E_1 \dots R_1 \dots S$

2ª oração: $R_2, E_2 \dots S$

3ª oração $R_3, E_3 \dots S$

No entanto, Reichenbach afirma que o uso dos tempos do futuro é às vezes combinado com certos desvios do significado original dos tempos, apresentando como exemplo as frases (6) e (7) :

(6) “Now I shall go”.

(7) “I shall go tomorrow” (Reichenbach 1947:295)

Na frase (6) o futuro simples tem o significado $S, R \text{ ---- } E$ e na frase (7) tem o significado $S \text{ ---- } R, E$. Para Reichenbach, o futuro simples é capaz de ter duas interpretações. Em (6) o Ponto da Fala coincide com o Ponto de Referência e o evento realiza-se posteriormente e em (7) o Ponto da Fala é anterior ao Ponto de Referência e este, por sua vez, coincide com o Ponto do Evento

Com efeito, Reichenbach apresentou a primeira proposta de conceptualização do tempo como uma estrutura ternária, o que constituiu um marco para a linguística e sobretudo para o estudo do tempo. Assim, durante bastante tempo, a estrutura ternária foi considerada como a teoria padrão para o estudo do tempo verbal. Entretanto, a proposta apresenta algumas inconsistências que têm sido analisadas por vários linguistas.

Para Binnick (2012:22) a estrutura proposta por Reichenbach funciona para os tempos primários ou absolutos, mas não para os tempos secundários ou relativos como o Mais-que-Perfeito e o Condicional. Veja-se (8),

(8) “Would leave in the next day he would leave for home”. (Binnick 2012:22)

Binnick considera que a frase em (8) deveria ser analisada como os autores antes de Reichenbach tratavam os tempos secundários, em que eram consideradas implicitamente duas relações temporais, onde a eventualidade está localizada numa esfera de tempo que não é definida pela esfera do tempo presente, mas por outro tempo.

Na perspetiva de Hewson (2012), citado em Binnick (2012:22), Reichenbach apenas unificou o tratamento dos tempos verbais. Desta forma, o autor faz a seguinte análise:

“What Reichenbach did was unify the treatment of tenses by defining all tenses in terms of a “middle term,” the reference point alongside the time S of the speech act (the present) and the time E of the “event”. Thus, the past is not simply defined by the time of the “event” E preceding the present ($E < S$); its absoluteness comes from the fact that

S serves as the reference time R ($R=S$), so that the past is defined by Reichenbach as $E_R=S$ (i. e., $E<R=S$)”

Por outro lado, o linguista critica o facto de Reichenbach ter observado que a coerência numa frase requer a permanência do ponto de referência. Hewson discorda e justifica que este princípio combina com a noção tradicional de concordância temporal entre as orações e é uma regra de sequências temporais. Esta observação de Hewson não é considerada neste trabalho na medida em que Reichenbach na sua proposta refere que nas frases nem sempre se mantém o ponto de referência, considerando que a regra de permanência do ponto de referência geralmente é trocada pela regra mais geral do *uso posicional do ponto de referência*, como ilustra o exemplo do autor,

“He was healthier when I saw him than he is now” (1947:295)

1ª frase $R_1, E_1 \text{-----} S$

2ª frase $R_2, E_2 \text{-----} S$

3ª frase S, R_3, E_3

Como podemos observar, a frase apresenta uma sequência de tempos em que a última oração se encontra no Presente e conseqüentemente verifica-se uma sobreposição entre os pontos, isto na última oração, não se observando a permanência do ponto de referência.

Quanto às formas do futuro, Reichenbach apresenta uma combinação para o futuro simples $S\text{---}R, E$, quando o autor afirma que o futuro simples apresenta alguns desvios e pode apresentar mais do que uma leitura. Neste contexto a outra leitura seria: $S, R\text{---}E$. Esta forma não aparece no sistema apresentado.

Por sua vez, Verkuyl (2012) considera o Princípio da Composicionalidade como um guia frutífero para analisar fenómenos temporais. Neste sentido, Verkuyl (2012:565) mostra que a estrutura do sistema de tempo Reichenbachiano torna impossível tratar as frases de acordo com o princípio da Composicionalidade e justifica:

“It is the particular choice made by Reichenbach in crossing two tripartitions that makes his tense system non-compositional. This can be proven by assuming that it is compositional and by showing that this assumption leads to unsolvable problems. In order to let it be compositional the first step is to ensure that each member of the two tripartitions is uniquely interpreted as the fixed value of an operator.”

Assim, a proposta de Reichenbach apresenta algumas inconsistências, sendo isto observado por muitos linguistas contemporâneos. No entanto, muitas teorias de tempo desenvolvidas até hoje tiveram como base a proposta de tempo de Reichenbach e na sequência temos a destacar a proposta de Comrie (1985).

1.2.2. Comrie (1985)

Para uma teoria formal de tempo, Comrie (1985) apresenta um sistema baseado na concepção do tempo como dêitico. Para o linguista, existem duas formas³ em que uma situação se pode relacionar na linha do tempo, uma de cariz mais temporal, como na citação seguinte, e outra de cariz mais aspetual.

“to locate the situation somewhere on the time line, necessarily in relation to some other specified point or segment of the line, since in one sense all time location is relative”
(1985:69)

Nessa abordagem, destacamos a primeira possibilidade, uma vez que está relacionada com a localização temporal das situações. Para estabelecer as representações formais, Comrie afirma que é necessário especificar o momento presente, que abreviou sob a forma *S* (ponto da fala); um ponto de tempo que seja ocupado pela situação a ser localizada no tempo - ponto ou intervalo é representado como *E* (ponto do evento) - e finalmente um ponto móvel sob a forma *R* (ponto de referência). Estes pontos estabelecem algumas relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Assim, Comrie, inspirado em Reichenbach, considera que estes pontos permitem relacionar *S* e *E*, *E* e *R* ou ainda *E-R-S*.

Para Comrie, o momento presente é tipicamente *R*, a situação pode ser localizada no passado, presente ou futuro. Também adianta que no inglês as formas verbais não finitas, muitas vezes podem ser tempos relativos na medida em que podem ser avaliadas em relação a um centro dêitico que não seja o momento presente. Consideremos a frase (9):

(9) “Those sitting on the benches were forced to move” (1985:16)

O autor esclarece que “*sentar*” é simultâneo [com uma relação de sobreposição] com “*foram forçados a movimentar-se ou a mudar-se*” isto é, o particípio presente indica referência de tempo presente, mas com respeito a um ponto de referência que está no passado “*foram forçados*”. Comrie reforça que isto é crucial para todas especificações de tempo, embora exista a necessidade de um centro dêitico.

Para melhor estudar a localização temporal e a sua representação formal, Comrie agrupa todos os tempos verbais e apresenta uma proposta que se resume em três categorias, designadamente: tempos absolutos, tempos relativos e tempos absolutos- relativos.

De acordo com Comrie, os tempos absolutos englobam o passado, o presente e o futuro. O linguista adianta que, apesar dos três tempos tradicionais, muitas línguas apresentam uma divisão entre o passado e o não passado, ou entre o futuro e não futuro. Além disso, nas subdivisões dentro do não passado, destaca-se a oposição entre o futuro e o presente.

Deste modo, Comrie realça que, em muitas línguas europeias, o denominado presente é frequentemente utilizado em referências temporais do futuro e toma como exemplo o finlandês. Acrescenta ainda que, em termos de conversação, o futuro tem aplicações modais que não necessita de referência temporal no futuro e toma como exemplo o Alemão. Neste contexto, podemos também enquadrar o português.

Quanto ao contraste entre o futuro e o não-futuro, a questão reside no facto de se determinar qual o estatuto do futuro no sistema de tempo. Depois de ter estudado várias línguas, o autor enquadra o futuro no sistema de tempos da sua teoria geral de referência temporal, por ter encontrado uma língua denominada “Hua” que faz distinções claras entre o futuro modal e o temporal. (cf. Comrie (1985:49)

Conforme Comrie, o grupo dos tempos absolutos apresenta apenas dois pontos temporais: o momento da fala (*S*) e o tempo ocupado pela situação (*E*) que estabelecem relações de anterioridade, simultaneidade e de posterioridade. Assim, o (*E*) representa uma situação que de facto teve lugar e que se localizada temporalmente em algum momento dentro do intervalo de tempo que inclui o momento de enunciação. Portanto, Comrie representa os tempos absolutos da seguinte maneira:

Presente	<i>E</i> simul	<i>S</i>
Passado	<i>E</i> antes	<i>S</i>
Futuro	<i>E</i> depois	<i>S</i>

Quadro II. Representação dos tempos absolutos.

Quanto aos tempos relativos, Comrie explica que, ao contrário dos tempos absolutos, neste grupo o ponto de referência temporal é dado pelo contexto. Por outro lado, o linguista afirma que a referência temporal relativa limita-se às formas verbais subordinadas sejam elas finitas ou não.

“In the languages investigated so far, relative time reference has been restricted to subordinate verb forms (finite or non-finite)” Comrie (1985:62)

Para esta categoria, Comrie adianta que é necessário estabelecer-se mais um ponto no tempo, neste caso, o ponto de referência (*R*). Assim, podemos, então, encarar a localização da situação no tempo, sendo simultânea com, anterior a ou posterior ao ponto de referência da seguinte forma:

Presente relativo	<i>E</i> simul <i>R</i>
Passado relativo	<i>E</i> antes de <i>R</i>
Futuro relativo	<i>E</i> depois de <i>R</i>

Quadro III. Representação dos tempos relativos.

Para a categoria dos tempos absolutos-relativos, Comrie (1985:125) considera que “a reference point is established relative to the present moment, and a situation is then located in time relative to that reference point”.

Deste modo, os representantes desta categoria são: o Pretérito-mais-que-perfeito, Futuro perfeito, o condicional e o condicional perfeito, segundo a adaptação feita por Silvano (2002) para o português.

Com efeito, para este grupo, tomou-se como exemplo para a representação o tempo Mais-Que-Perfeito e o Futuro, em que se estabelece um ponto de referência relativamente ao momento presente e se situa uma situação no tempo relativamente àquele ponto de referência.

Assim, para o Mais-Que-Perfeito existe um ponto de referência no passado (ou seja, antes do momento presente) e a situação localiza-se antes desse ponto de referência, resultando na representação:

Mais-Que-Perfeito	<i>E</i> antes de <i>R</i> antes de <i>S</i>
-------------------	--

Quadro IV. Representação do tempo absoluto-relativo Mais-Que-Perfeito.

Esta representação é interpretada como “*E* antes de *R* e antes de *S*”. É necessário referir um número importante de propriedades desta representação. Primeiro, *E* situa-se em relação a *R* e *R* situa-se em relação a *S*, mas não existe uma relação direta entre *E* e *S*.

A estrutura geral de uma representação temporal neste enquadramento pode, por isso, ser simbolizada como *E* (relativo a *R*) (relativo a *S*), onde *relativo a* é um símbolo que serve de capa para todas as relações permitidas (simul, antes, depois, não-antes, não-depois). A fórmula inclui os seguintes casos especiais:

<i>E</i>
<i>E</i> Relativo a <i>S</i>
<i>E</i> Relativo a <i>R</i>
<i>E</i> Relativo a <i>R</i> Relativo a <i>S</i>

Quadro V. Representação do tempo absoluto-relativo para casos especiais.

Das quatro representações esquemáticas, *E* relativo a *S* corresponde ao tempo absoluto, *E* relativo a *R* ao tempo relativo e *E* relativo a *R* relativo a *S* ao tempo absoluto-relativo combinado.

Assim, Comrie adianta que a representação *E* é permitida pelo esquema, mas ainda não foi discutida: seria, no entanto, apropriado para a representação da localização temporal de uma situação numa língua sem tempos verbais – tal situação simplesmente não se pode localizar temporalmente pelo sistema gramatical.

Por conseguinte, dentro deste mesmo sistema, a representação do futuro composto será a seguinte:

Futuro composto	<i>E</i> antes de <i>R</i> depois de <i>S</i>
-----------------	---

Quadro VI. Representação do Futuro Composto.

Entretanto, Comrie distingue as duas representações e afirma que a única diferença entre a representação do futuro composto e a do Mais-Que-Perfeito reside no facto de o ponto de referência (quadro VI) estar no futuro e não no passado, isto é, existe uma sub-representação *R* depois de *S* correspondente a *R* antes de *S* no Mais-Que-Perfeito.

Veja-se a representação formal dos tempos absolutos-relativos proposta por Comrie, adaptada por Silvano (2002: 19), para o português.

P-mais-que-perfeito	<i>E</i> antes <i>R</i> antes <i>S</i>
Futuro perfeito	<i>E</i> antes <i>R</i> depois <i>S</i>
Condicional	<i>E</i> depois <i>R</i> antes <i>S</i>
Condicional perfeito	<i>E</i> antes <i>R</i> ₁ antes <i>S</i>

Quadro VII. Representação dos tempos absolutos-relativos.

A proposta de análise do sistema temporal de Comrie (1985) apresenta um avanço nos estudos sobre o tempo, uma vez que o autor analisa várias línguas e consegue justificar o enquadramento do futuro no sistema de tempos verbais, apesar de não se poder generalizar para todas as línguas. Baseando-nos em Silvano (2002), vamos apresentar as inconsistências desta teoria.

Assim, esta proposta é passível de várias objeções, a começar pela definição que o linguista desenvolve dos tempos absolutos.

.Os tempos absolutos são apresentados como não tendo um ponto de referência, embora uma das suas características seja a existência do momento presente como centro dêitico.

Conforme Silvano (2002), Declerck (1991) aponta várias razões para a presença de um tempo de referência nos tempos absolutos. O linguista usa o argumento das orações temporais para contrapor a distinção de Comrie entre tempos absolutos e tempos relativos. A ausência de *R* na estrutura temporal dos tempos absolutos, defendida por Comrie, torna impossível identificar o tempo indicado na oração temporal. Considerando o tempo da sua localização em relação ao tempo da referência, é, porém, viável a interpretação da oração temporal como indicando esse tempo de referência.

No domínio das orações, Declerck encontra na análise que Comrie efetua das orações não finitas um outro fundamento para a presença de *R* em tempos absolutos. De facto, Comrie atribui às formas verbais não finitas, em inglês, uma referência temporal relativa, pois é estabelecida em relação a um centro dêitico definido contextualmente.

Quanto aos tempos verbais, Declerck (1991), citado por Silvano (2002), considera que o passado simples (Simple past) localiza uma situação exclusivamente no passado, nada referindo sobre a sua eventual continuidade, ou não, no presente ou no futuro. Consequentemente, *R* deveria estar localizado completamente antes de *S* e não *E*, mantendo este uma relação de simultaneidade com *R* (*E* simul *R* antes de *S*). No entanto, *E* continua a poder prolongar-se até ao presente. Declerck aponta duas explicações possíveis para este fenómeno. Por um lado, poder-se-ia optar por encarar as relações de simultaneidade, não apenas em termos de coincidência, tal como considera Comrie, mas também em termos de sobreposição. Proceder-se-ia, portanto, à alteração do conceito de simultaneidade, o que autorizaria uma interpretação mais correta de frases como:

(10) At five o'clock we heard a shot (Declerck 1991:244)

(11) He left yesterday. (ibidem)

Enquanto no primeiro caso se estabelece entre *E* e *R* uma relação de coincidência completa, no segundo exemplo estabelece-se uma relação de sobreposição entre os dois, *E* e *R*, ou seja *E* ocupa parte de *R*. Entretanto Silvano (2002:23) sugere tratar-se de uma inclusão de *E* em *R*, na medida em que “left” exprime uma culminação e “yesterday” descreve um intervalo de tempo de vinte e quatro horas.

Segundo Silvano, Declerck aponta ainda a necessidade de recorrer a *R* para justificar a diferença entre o passado e o passado progressivo: no primeiro, *E* é completamente simultâneo com *R* e no segundo, *E* tem um dado período de duração que abrange *R*. No entanto, para Silvano esta diferença pode ser explicada em termos aspectuais e não em termos de *R*.

Portanto, a teoria de tempo desenvolvida por Comrie apresenta uma grande fragilidade devido à ausência do ponto de referência nos tempos absolutos e não só.

1.2.3. Kamp e Reyle (1993)

A Teoria da Representação Discursiva (DRT), proposta por Kamp, está na base dos estudos sobre Tempo e Aspeto propostos em Kamp & Reyle (1993). Os linguistas defendem uma teoria de tempo bidirecional, situando-se na mesma linha de Reichenback, embora apresentando consideráveis diferenças.

A proposta de Kamp & Reyle distingue dois tipos de ponto de referência: o Ponto de Referência Temporal (Rpt), que explica a progressão da narrativa, e o Ponto de Perspetiva Temporal (PPT), que é outra referência temporal, sendo o ponto a partir do qual a eventualidade é localizada.

Os autores defendem que duas características temporais devem ser assinaladas na descrição dos tempos verbais:

1ª Ilustra a relação entre o PPT e o momento de enunciação.

2ª Indica a relação entre a localização da eventualidade descrita e o PPT.

A primeira relação tem dois valores + passado (+ Past) e – passado (- Past), o que significa que o Ponto de Perspetiva Temporal se localiza antes do momento de enunciação ou coincide com o momento de enunciação respetivamente.

(12) A Maria escreveu a carta.

Em (12) o ponto de perspetiva temporal coincide com o momento da enunciação do relato.

A segunda relação corresponde à categoria Tempo e determina a relação entre o tempo de localização da eventualidade descrita e o PPT e tem valores de presente, passado e futuro, como ilustra em (13) em que a eventualidade se encontra no passado. (cf. Silvano (2002:45))

(13) A Maria respondeu às cartas que tinha recebido

Nos seus estudos, Kamp & Reyle fazem a distinção entre os tempos absolutos. As diferenças que separam o passado e o futuro do presente, conforme os linguistas “is what might be called its token-reflexiveness”, isto é, a eventualidade descrita pelo presente deve incluir propriamente o momento de enunciação. Os linguistas afirmam que com este princípio as eventualidades descritas no presente têm um estatuto de Estado e não de Evento, como em (14):

(14) Mary sings.

Ainda, em relação ao Presente, Kamp e Reyle (1993:536) referem que o seu uso mais comum é regido pela interpretação do seguinte princípio:

“The location time of a present tense sentence is the utterance time n”

Entretanto, uma consequência deste princípio é que o ponto de referência é sempre o momento de enunciação *n* (agora). Um outro aspeto do Presente a realçar, segundo os linguistas, as frases no tempo presente descrevem uma eventualidade que ocorre no momento em que estas são proferidas.

Por outro lado, Kamp & Reyle sublinham que o presente tem outros usos tais como a utilização da tabela do tempo, o genérico, o reportativo e o histórico.

Finalmente, os linguistas fazem um quadro resumo dos tempos verbais e incluem, ainda, a determinação das características aspectuais estativo (+STAT) ou eventivo (-STAT).

Para sintetizar, apresentamos o seguinte quadro de Silvano (2002:47), adaptado de Kamp e Reyle (1993:601):

	Relação entre o TPpt e o momento de enunciação	Relação entre o tempo de localização da eventualidade descrita e o TPpt	Aspeto estativo ou eventivo	Aspeto com ou sem estado resultativo
Presente	-Past	Pres	+STAT	- PERF
Futuro	-Past	Fut	+/- STAT	-PERF
Pretérito perfeito	-Pas +Past	Past Pres	+/-STAT +/-STAT	-PERF -PERF
Futuro passado	+Past	Fut	+STAT	+PERF
Futuro perfeito	-Past	Fut	+STAT	+PERF
Pret+ q-perfeito	+Past	Past	+/-STAT	-PERF
	-Past	Past	+STAT	+PERF
	+Past	Pres	+STAT	+PERF
Passado Futuro perfeito	+PAST	Fut	+STAT	+PERF

Quadro VIII. Representação dos tempos.

A proposta de Kamp & Reyle (1993) é uma das teorias que reúne mais consenso ao nível dos linguistas contemporâneos. Apoando-se nos estudos de Reichenbach, desenvolveram uma teoria bidirecional.

1.3 Sequências de tempos verbais

Neste trabalho é relevante abordarmos a sequencialização de tempos, visto que se analisarão frases complexas. Esta questão, conhecida há muito, é denominada, também, “consecutio temporum”⁴.

Assim, de acordo com Carrasco Gutiérrez (1999:3063) “a sequência de tempos consiste na relação de dependência entre as interpretações temporais de formas verbais que estão ligadas através de uma relação de dependência ou de subordinação sintática”.

A análise de sequência de tempos requer uma atenção especial de outros aspetos linguísticos que se afiguram relevantes, uma vez que estes influenciam a determinação das relações temporais. Neste âmbito, analisaremos as frases no geral, a fim de identificarmos o fenómeno e, de igual modo, realçaremos os elementos que facilitam a determinação das referidas relações.

1.3.1 Sequências de tempos em frases complexas

A análise da sequência de tempos envolve vários aspetos linguísticos, tendo em conta que não se trata somente de uma aplicação de regras sintáticas, mas também de um fenómeno semântico⁵. Deste modo, os tempos nas frases simples identificam um tempo localizado em relação ao momento de enunciação, no entanto, este facto não acontece em muitas frases complexas e como consequência verifica-se restrições quanto à ocorrência de tempos nas duas orações, assim como pode haver leituras diferentes. Oliveira (2003)

Com efeito, a sequência de tempos ocorre normalmente em frases complexas e também em textos compostos por frases simples ou complexas. Consideremos as frases que se seguem:

(15) O Manuel foi ao cinema.

(16) O Rui disse que o Manuel foi ao cinema.

(17) A Maria disse que o Manuel ia ao cinema.

Em (15) o Ponto de Perspetiva Temporal (PPT) coincide com o momento de enunciação, em (16) estabelece-se uma relação de anterioridade, isto é, o evento *ir ao cinema* ocorre antes do evento *dizer*.

Em (17) o verbo da subordinada estabelece uma relação de posterioridade com o verbo da frase matriz, isto é, o ponto de perspetiva temporal coincide com o momento de enunciação do relato e o evento “*ir ao cinema*” localiza-se depois deste intervalo.

Deste modo, verificamos que os tempos verbais na oração subordinada, Pretérito Perfeito em (16) e Imperfeito em (17), alteram a informação temporal, pois permitem estabelecer relações diferentes.

Por outro lado, nos casos de ocorrência do Presente em frases complexas, verifica-se que o tempo da oração principal é relevante. Consideremos os exemplos:

(18) O Carlos está doente.

(19) A Rita disse que o Carlos está doente.

Em (18) verifica-se uma relação de sobreposição, isto é, o PPT coincide com o momento de enunciação. Em (19) a situação *estar doente* depende do tempo da oração principal, apesar de se verificar uma relação de inclusão do evento *disse* e do momento de enunciação no estado, tendo em conta que um estado é sempre alargado. Deste modo, Carrasco Gutierrez (1999:3088) refere que o que distingue a combinação de tempo em (19) é que “las formas verbales de la esfera del presente no sólo orientan sus relaciones temporales con respecto al tiempo de la enunciación sino que, además, por encontrarse en una oración subordinada sustantiva, toman como tempo de evaluación el tiempo del evento de la oración principal”. Por conseguinte, estas são denominadas frases de duplo acesso⁶.

Na sequência, outro aspeto relevante para a determinação da relação temporal consiste na identificação do tipo de frases, dado que com os mesmos tempos, em frases diferentes, podemos ter, de certo modo, resultados também diferentes. Consideremos os exemplos retirados de Oliveira (2003:175):

(20) * O Rui disse anteontem que a Ana visitou a exposição de Sousa Cardoso ontem.

(21) O Rui encontrou anteontem a rapariga que visitou a exposição de Sousa Cardoso ontem.

Assim, em (20) trata-se de uma completiva de verbo e a frase não é aceitável por haver um desajuste temporal, isto é, o evento *visitar a exposição* tinha de estabelecer uma relação de anterioridade com o evento da oração principal “*dizer*”, o que não acontece nesta frase em virtude dos advérbios utilizados. Em (21) temos uma frase relativa e é aceitável visto que o tempo de perspectiva temporal para avaliar a frase relativa, contrariamente ao que acontece com a completiva em (20), coincide com o momento de enunciação.

Neste ponto limitámo-nos a mencionar de forma breve apenas questões que achamos relevantes para este trabalho, como as frases em que ocorre o Presente e a identificação de alguns aspetos que contribuem para a determinação da relação temporal, como o contraste entre os tempos do pretérito e a diferença entre os tipos de frases.

SÍNTESE

Neste capítulo abordámos as questões gerais sobre o tempo e compreendemos que o tempo é uma categoria relacional. Na literatura consultada, verificámos que, como categoria gramatical, o tempo se manifesta de forma diferente nas diversas línguas do mundo; apesar disto, a forma mais comum de se marcar a referência temporal é através de tempos verbais, embora existam outros elementos linguísticos que também o façam.

Em seguida, destacámos algumas teorias que contribuíram para o estudo do tempo, com realce para as propostas teóricas de Reichenbach (1947) Comrie (1985) e Kamp e Reyle (1993). Assim, a proposta de Reichenbach apresenta uma estrutura ternária, dando ênfase ao princípio de “Permanência do Ponto de Referência”. Efetivamente, esta proposta serviu de base para muitos estudos relacionados com a temporalidade.

Quanto à proposta teórica de Comrie (1985), esta agrupa os tempos em três categorias, nomeadamente tempos absolutos, tempos relativos e tempos absolutos e relativos, apresentando assim um sistema baseado na conceção de tempo dêitico. Porém, esta proposta foi contestada pelo facto de o linguista retirar a possibilidade da existência do ponto de referência nos tempos absolutos.

Finalmente, a proposta teórica de Kamp e Reyle (1993), que apresenta um sistema bidirecional, distinguindo, na descrição dos tempos verbais, duas características sendo que a primeira ilustra a relação entre o PPT e o momento de enunciação e a segunda indica a relação entre a localização da eventualidade descrita e o PPT.

Por outro lado, Kamp e Reyle (1993) distinguem também o Presente do Passado e do Futuro e referem que as frases no tempo presente descrevem uma eventualidade que ocorre no momento em que estas são proferidas, localizando a situação num intervalo que se sobrepõe ao momento de enunciação. Continuando, os linguistas sublinham ainda que o

presente tem outros usos como: utilização do horário, o genérico, o reportativo e o histórico.

Ainda neste capítulo, abordámos as sequências de tempos e constatámos que se trata também de um fenómeno semântico e que, nas frases complexas, nem sempre o tempo é localizado em relação ao momento de enunciação e, por conseguinte, se verificam restrições quanto à ocorrência de tempos nas duas orações, assim como pode haver leituras diferentes. Observamos que as frases complexas com subordinadas completivas podem apresentar uma interpretação de duplo acesso, ou de pré-presente.

Notas

1. Cunha e Cintra (1984:379) associam o tempo linguístico ao verbo e podemos afirmar que na maioria das línguas a referência temporal é associada ao verbo.
2. Para Benveniste (1965) citado por Rojo e Veiga (1999:2872-2874) “el tiempo físico es continuo, uniforme, infinito y lineal, exterior al hombre. Tiempo cronológico es sempre el tiempo de los acontecimientos”.
3. Optámos por apresentar apenas a primeira forma porque é a que corresponde à questão em abordagem neste ponto.
4. “Consecutio temporum” equivalente aos termos “concordância” ou “correlação de tempos”.
5. “Consecutio temporum” também é um fenómeno semântico tendo em conta que existem casos de concordância de tempos que não obedecem aos critérios predefinidos como regra, mas dependem da natureza lexical do verbo, a concordância de sentido, a interpretação das frases de duplo acesso e outros que questões meramente semânticas. Veja-se Carrasco Gutierrez (1999:3088), Oliveira (2003:174) e Silvano (2002).
6. As frases de duplo acesso são consideradas na gramática de Bosque e Demonte como frases subordinadas não canónicas. Por outro lado, são definidas como frases com o morfema temporal do Presente encaixado no escopo imediato de um morfema temporal do passado. (cf. Silvano (2002:118)).

CAPÍTULO 2

QUESTÕES GERAIS SOBRE O ASPETO

O Aspeto é uma categoria linguística complexa, dado que se manifesta nas diversas línguas através de mecanismos gramaticais muito diferentes⁷. Assim, nesta secção, vamos começar pelas considerações gerais em que realçaremos algumas distinções e convergências entre o Tempo e o Aspeto e a conceção de aspeto.

Seguidamente, apresentaremos a proposta de Moens (1987), e de Moens e Steedman (1988). Reforçaremos esta apresentação, para o Português, com estudos feitos por Oliveira (2003), uma adaptação da teoria de Moens (1987), e, abordaremos brevemente alguns tempos verbais enquanto desencadeadores de mudança aspetual e também os estados faseáveis e não faseáveis. (ver Oliveira, 2003, Cunha 2004, e.o.)

2.1. Considerações gerais sobre o Aspeto

Tradicionalmente, a categoria aspeto é associada ao verbo tal como Cunha & Cintra (1984:380) a apresentam: “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo”. Porém, estudos feitos revelam que são vários os fatores linguísticos que concorrem para uma informação aspetual, designadamente toda a predicação, incluindo os complementos, alguns adjuntos, a natureza semântica dos sintagmas em posição de sujeito e outros

Deste modo, Oliveira (2003:133) distingue Aspeto de *Akionsart* (ou modo de ação) considerando-se que o primeiro é fundamentalmente gramatical e o segundo é de natureza lexical. No entanto, a autora considera que esta distinção clássica não é completamente adequada. Os exemplos em (22) mostram que a leitura aspetual é diferente apesar de o tipo de situação básica (*fumar*) ser sempre o mesmo:

- (22) a. O João fuma.
- b. O João está a fumar.
- c. O João tem fumado.

Em (22.a) temos um estado habitual, em (22.b) uma frase no progressivo (*estar a + inf.*) e por isso estativa, e em (22.c) uma iteração dada pelo tempo verbal (*tem fumado*). Estes exemplos ilustram que vários fatores podem desencadear mudança aspectual.

Gosselin (1996) considera fundamental a subdivisão do Aspeto em duas categorias, Aspeto lexical que corresponde aos tipos de processos (atividades, estado, realizações), e o Aspeto gramatical que define o modo de apresentação do processo tal qual é indicado essencialmente pelas marcas gramaticais (tempos morfológicos, semiauxiliares, adverbiais de aspeto...). Porém, Oliveira (2003) não considera completamente adequada a distinção feita por Gosselin, na medida em que, segundo a linguista, a natureza das palavras só por si não opera alterações aspetuais.

Por outro lado, o Aspeto tem sido frequentemente confundido com o Tempo no tratamento das relações temporais.

Neste contexto, Lyons (1977:705) esclarece que “tense is a deictic category, which involves an explicit or implicit reference to the time of utterance, aspect is non-deictic”.

Deste modo, Oliveira (2003:132), partilhando a posição de Lyons, acrescenta que o tempo é uma categoria de tipo relacional, já que faz localização e expressa relações não só dêiticas mas também anafóricas. Assim, as primeiras estabelecem relações com elementos extralinguísticos (cf.23) e as segundas estabelecem uma relação com elementos linguísticos. (cf.24)

(23) Amanhã, vou ao hospital São João.

(24) A Rita tinha saído, quando o professor telefonou.

No entanto, apesar das distinções existentes entre o aspeto e o tempo, Cunha (2004) afirma que estas categorias apresentam pontos em comum, uma vez que operam com alguns conceitos do mesmo tipo nomeadamente as noções de intervalo de tempo e de momentos, Consideremos os exemplos que se seguem:

(25) O João trabalhou durante (toda) a manhã.

(26) O João fugiu da prisão durante a/ de manhã.

Em (25) a informação é aspetual, já que o adverbial está a medir a duração interna da situação de *trabalhar*, em (26) temos uma localização temporal, pois a situação de *fugir* está localizada dentro daquele período de tempo.

Consideremos agora no contraste em (27):

- (27) a. O João fuma
b. O João fumava.

As frases em (27.a) e (27.b) transmitem a mesma informação aspetual- um estado habitual- mas, em termos de tempo existe o contraste entre o Presente e o Pretérito Imperfeito, isto é, trata-se de um estado habitual mas um é presente e outro é passado. Cunha (2004:12) afirma: “Tempo e Aspeto devem ser encaradas como categorias semânticas distintas com um funcionamento próprio e perfeitamente autónomo. Conquanto em interdependência mútua”.

Para o inglês, Dowty (1979:52) define Aspeto da seguinte forma: “...aspect in linguistic terminology is usually understood to refer to different inflectional affixes tenses or other syntactic “frames” that verbs can acquire”. Para o português, Oliveira (2003:129) define o Aspeto como uma categoria linguística que “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação”.

Assim, tendo em conta as diversas perspectivas que a análise aspetual envolve, estas definições não se distanciam em termos de sentido.

2.2. Teorias sobre o Aspeto

As reflexões sobre Aspeto remontam a Aristóteles e são muitos os estudiosos que se têm dedicado a este assunto. No entanto, para este trabalho, vamos apenas destacar as propostas teóricas de Moens (1987), Moens & Steedman (1988), e Oliveira (2003). Nessa abordagem, vamos realçar apenas os tópicos que servirão de base para a análise e discussão dos dados neste trabalho.

2.2.1. Proposta de Moens (1987) e Moens & Steedman (1988)

Moens (1987) propõe que existe um núcleo aspectual composto por três fases principais: um *processo preparatório*, um *ponto de culminação* e um *estado consequente*. Assim, um processo preparatório será uma fase de tipo processual e durativo; um ponto de culminação representará uma fase pontual, sem duração e produzirá um estado consequente.

Efetivamente, a partir deste núcleo, pode-se, por associação ou supressão de determinados elementos linguísticos (operadores aspetuais e outros), transitar-se de uma classe aspetual para outra.

Para além disso, Moens (1987) (e também Moens e Steedman 1988) propõe uma primeira distinção entre estados e eventos, sendo os primeiros não dinâmicos e os segundos dinâmicos.

Neste âmbito, a propósito dos eventos, os autores referem que podem distinguir duas dimensões: uma que diz respeito ao contraste entre a pontualidade e a extensão temporal e a outra concernente à associação de um estado consequente, como ilustra o quadro IX:

	EVENTOS		ESTADOS
	Atómico	Alargado	<i>Compreender</i> <i>Saber</i> <i>Gostar</i>
+ conseq	CULMINAÇÃO <i>Reconhecer, chegar à meta</i>	PROCESSO CULMINADO <i>Construir uma casa</i>	
-conseq	PONTO <i>Soluçar, tossir</i>	PROCESSO <i>Correr, nadar, tocar piano</i>	

Quadro IX. Representação dos eventos e estados.

Com base no quadro anterior, consideremos os exemplos:

- (28) A Maria nadou (processo)
- (29) O Carlos construiu a casa. (processo culminado)
- (30) A Maria tossiu. (ponto)
- (31) A Maria ganhou a corrida. (culminação)

Assim, os Processos são eventos durativos e atélcos, sem um ponto terminal intrínseco, (cf.28), *nadar* descreve um evento alargado no tempo, mas não caracterizado por qualquer conclusão ou culminação. Por sua vez, os Processos Culminados são eventos durativos,

télicos a que se associa um estado consequente, (cf.29), o evento *construir* descreve um evento alargado no tempo, em que a culminação está associada a um estado consequente, que é, neste caso, a *casa estar construída*. Quanto aos eventos atômicos, não apresentam duração. Assim, os Pontos são eventos que não implicam a existência de quaisquer consequências, isto é, esta classe não tem estado resultante, pois, (cf.30), não podemos dizer ‘a Maria está tossida’⁸. As culminações, pelo contrário, têm um ponto de culminação e um estado consequente (implícito), (cf.31).

Quanto aos estados, Moens (1987) afirma terem um carácter uniforme e total ausência de alterações ao longo do seu decurso. Desta forma, apresenta a seguinte subdivisão:

Estados lexicais *o João tem um carro* e os estados derivados⁹ nomeadamente: estados consequentes *o vaso está partido* estados progressivos *a Maria está a dormir* e estados habituais *a Maria trabalha na Holanda*.

Finalmente, é de realçar, também, que algumas classes aspectuais, nomeadamente os processos e os estados, apresentam alguns pontos convergentes, em particular a duração, mas diferem uns dos outros pelo facto de os primeiros serem dinâmicos e os segundos não. Quanto aos processos, aos pontos e aos estados, não apresentam estado consequente.

2.2.3. Oliveira (2003)

Oliveira faz uma adaptação da proposta de Moens (1987) para o português, em que leva em consideração os contributos de Cunha (1998) sobre a distinção entre tipos de estados assim como os de Carlson (1977) e de Kratzer (1995) relativos à distinção entre Predicados de indivíduo e Predicados de fase. Nesse trabalho, Oliveira (2003) começa por distinguir Estados de Eventos. Deste modo, os Estados são situações não dinâmicas e os Eventos são situações dinâmicas.

Por outro lado, Oliveira (2003:133) considera que “em português, assim como em outras línguas, para além da natureza semântica dos predicados, as informações aspectuais distribuem-se pelos afixos que contêm também informação temporal, pelas construções com auxiliares e semi-auxiliares (tem lido, começou a ler, está a ler) e também através de combinações adverbiais e a natureza sintático-semântica dos sintagmas nominais, em particular dos que constituem complementos subcategorizados”,(cf.32) exemplos da autora:

- (32) a. Ontem a criança comeu/comia um chocolate.
 b. A criança está a comer um chocolate.
 c. A criança tem comido um chocolate *(todos os dias).
 d. A criança comeu um chocolate num minuto/ * durante dez minutos
 e. A criança come chocolates. (Oliveira 2003:133)

A natureza semântica das predicções que constituem o Aspeto lexical, adianta Oliveira, também contribuem para a leitura atribuída a cada exemplo, como em (32) - (38), exemplos também da autora:

- (33) Ontem a criança esteve doente/estava doente
 (34) A criança está a viver em Évora/está a estar doente.
 (35) A criança tem estado doente / tem ganho o prémio * (todos os dias)
 (36) A criança esteve doente durante dez minutos / *em dez minutos
 (37) A criança correu 100 metros / * metros
 (38) (?) Ontem a criança correu / corria. (Oliveira 2003:133)

A linguista compara os exemplos (32.a) - (32.e) com os (33) – (38) e verifica, então, que uma das grandes diferenças advém da informação aspetual dos predicados verbais (e seus complementos). Dadas estas distinções, observou que o adverbial *durante x tempo* pode ocorrer, (cf.36) e outros em que tal não é possível (cf.32.d), porém pode ocorrer *em x tempo*. A linguista faz uma observação, advertindo que isto se deve a certas restrições operadas pelo tipo aspetual do predicado.

Assim, Oliveira (2003:137) apresenta as classes aspectuais com base na proposta de Moens 1987 e também de Vendler (1967), resumidas numa tabela com as respetivas propriedades (cf. quadro X).

Classes aspectuais	Propriedades básicas das classes aspetuais				
	Dinâm	Télico	Duração	Est. Cons.	Homog
Processo	+	-	+	-	+
Processo Culminado	+	+	+	+	-
Culminação	+	+	-	+	-
Ponto	+	(-)	-	-	-
Estado	-	-	+	-	+

Quadro X. Propriedades básicas das classes aspetuais.

Oliveira considera, no entanto, que esta classificação básica (quadro X) dos diferentes tipos de situações deve ser considerada de forma dinâmica, devido aos vários fatores que podem influir na determinação do valor aspetual da frase. Estes pressupostos levam a autora a considerar que a aspetualidade é composicional. Consideremos os exemplos da autora:

- (39) a. Ela correu na pista (durante meia hora) - processo
b. Ela correu os dez mil metros (em 31m e 32s) - culminação
c. Ela corre pelo clube de Braga.- Estado habitual
d. Ela está a correr na pista do seu clube.- Estado progressivo

(Oliveira 2003:137)

Efetivamente, a presença de várias expressões na frase faz com que estas tenham diferentes leituras.

A linguista apresenta ainda alguns testes com base em propostas de Dowty 1979, que permitem identificar as classes aspetuais. Assim, os Processos Culminados ocorrem com adverbiais do tipo “*em x tempo*”; as Culminações ocorrem com adverbiais de localização precisa como “*a + tempo*”; os Processos ocorrem com adverbiais do tipo “*durante x tempo*”; os Pontos com advérbios de localização temporal associados a “*leitura de iteratividade na construção progressiva*”.

Quanto aos estados básicos, Cunha (1998), citado por Oliveira (2003:136), classifica-os em dois tipos básicos: os estados faseáveis e os não faseáveis. Os estados faseáveis podem ocorrer em construções progressivas (*estar a + inf.*) e os não faseáveis não, como ilustram os exemplos da autora:

- (40) a. O Pedro é simpático.
b. O Pedro está a ser simpático.
(41) a. O Rui vive em Paris.
b. O Rui está a viver em Paris.
(42) a. A Rita é alta.
b. *A Rita está a ser alta.
(43) a. A Joana está contente.
b. *A Joana está a estar contente.

Em síntese, “o Aspeto fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação” (Oliveira 2003:129).

Por outro lado, para uma leitura aspetual adequada, é necessário ter-se em conta os diversos fatores linguísticos, nomeadamente: morfológicos, sintáticos e semânticos; em suma, a aspetualidade é Composicional.

Nesta perspetiva, vamos tratar de alguns tempos verbais, especialmente do Modo Indicativo, dado que também são considerados elementos desencadeadores de mudança aspetual.

2.3. Alguns tempos gramaticais do modo Indicativo

Alguns tempos gramaticais em línguas como o português não veiculam apenas informações temporais em relação a um dado intervalo, pois integram também, em certas condições, indicação de natureza aspetual muito diversificada. Deste modo, neste ponto, vamos abordar, apenas, o Pretérito Perfeito, o Imperfeito e o Pretérito Perfeito Composto do modo Indicativo, visto que estes aparecem em percentagem elevada, em termos de ocorrências, nos dados que serão discutidos. Deixaremos o Presente para o capítulo que lhe é dedicado.

2.3.1. O Pretérito Perfeito

De acordo com Oliveira (2003), o Pretérito Perfeito é um tempo do passado, embora não seja perfeitivo. É sempre terminativo, isto é, marca um momento em que um estado ou um evento terminou. Pode, nos casos em que houver culminação, inferir-se um estado consequente:

(44) A Maria esteve doente.

(45) A Maria escreveu a carta.

(46) A Maria ganhou a corrida.

(47) A Maria correu.

Embora o Ponto de Perspetiva Temporal seja tipicamente o tempo de enunciação, o Pretérito Perfeito pode, também, em alguns casos, articular-se com um tempo posterior como em:

- (48) Quando a Maria voltar da viagem daqui a um mês, já o Rui concluiu o curso há uma semana.

O Pretérito Perfeito simples, quando associado a eventos, permite interpretar uma sucessão de frases simples como uma sucessão de eventos. O referido tempo não altera o valor aspetual da predicação.

2.3.2. O Imperfeito

Segundo Oliveira (2003:156), “o Pretérito Imperfeito é um tempo gramatical com informação de passado, mas em muitas construções não apresenta características temporais”. Oliveira adianta que, “por se tratar de um tempo alargado, pode alterar o tipo de situação, havendo uma sobreposição parcial ou total com um tempo do passado ou uma inclusão”.

- (49) A Maria lia o jornal quando a Joana chegou.

- (50) Ontem a Maria estava doente.

- (51) A Maria estava doente às 5 horas da tarde.

Em (49) o Imperfeito alarga a duração de *ler o jornal* assim a situação *quando a Maria chegou* está incluída no intervalo de *ler*; em (50) fornece uma informação temporal de passado, não atribuindo qualquer limite ao estado; “*ontem estava doente e ainda está*”; em (51) às 5 da tarde está incluído em “estava doente” não há alteração aspetual, porque “*estar doente*” é um estado. No entanto, o Imperfeito pode provocar alterações aspetuais:

- (52) O Rui frequentava a escola secundária.

- (53) A Maria almoçava com os pais ao domingo.

Tanto em (52) como em (53) temos estado habitual projetado para o passado.

O Imperfeito no Português Europeu pode ter leitura temporal, modal e aspetual.

2.3.3. Pretérito Perfeito Composto

Em Português o Pretérito Perfeito Composto apresenta características aspectuais particulares, que o distinguem de construções paralelas em outras línguas, incluindo as

românicas. De acordo com Oliveira (2003:159) “o pretérito perfeito composto não marca perfeitividade, nem claramente tempo passado, mas antes a duração de uma situação iniciada no passado e que continua no presente (da enunciação) ”.

Oliveira (2003) realça que para uma leitura iterativa é necessário ter-se em conta o tipo de situação, a construção em que ocorre, e, algumas vezes, é necessário o apoio de expressões adverbiais, tal como os exemplos seguintes da autora demonstram:

- (54) O Manuel tem visitado a avó.
- (55) Não me espanta que o Manuel tenha visitado a avó.
- (56) O Rui tem escrito uma carta / ? a carta / cartas todos os dias.
- (57) O Rui tem corrido * (todos os dias)
- (58) O Rui tem estudado muito / todos os dias
- (59) O Rui tem estado doente. (Oliveira 2003:160)

Em (54) podemos ter uma leitura iterativa; em (55) não temos leitura iterativa porque a frase encaixada se encontra no conjuntivo, mostrando que a iteratividade associada a este tempo verbal só ocorre nas formas do indicativo. Por seu turno, (56) revela que a natureza dos complementos é pertinente enquanto em (57) - (58) se observa que é necessária a presença dos adverbiais. (59) apresenta só uma leitura temporal por se tratar de um Estado.

Por outro lado, a autora adianta que “quando o Ponto de Perspetiva Temporal não é o momento de enunciação, as frases com o Pretérito Perfeito Composto deixam também de ter uma leitura iterativa”. (cf.60-61):

- (60) Quando a Joana chegar a casa da Maria, já o Rui a tem visitado.
- (61) Sempre que a Joana chega a casa da Maria, já o Rui a tem visitado.

Quanto aos Estados, a leitura iterativa não ocorre naturalmente porque se está perante um tipo de situação que não é delimitada por natureza, não havendo nem completude nem terminação (cf. Oliveira (2003)). No entanto, o Pretérito Perfeito Composto pode ocorrer com estados faseáveis, por vezes associados a adverbiais de quantificação temporal.

Assim, podemos notar que o Pretérito Perfeito Composto pode ser um operador aspetual quando combinado com eventos no modo indicativo, necessitando, em alguns casos, de adverbiais de quantificação.

2.4. Estados faseáveis e Estados não faseáveis

Cunha (1998a), citado em Cunha (2004), sustentando-se na rede aspetual de Moens (1987) argumenta em favor da faseabilidade¹⁰ dentro da classe aspetual dos estados e, por conseguinte, postula um traço distintivo [\pm "faseável"] para as predicções estativas.

Assim sendo, denomina-se Estados faseáveis [+ faseável] aos estativos capazes de se converter em Processos e Estados não faseáveis [-faseável] aos que se comportam sempre como situações de natureza estativa, independentemente do seu contexto de ocorrência (cf. Cunha (2004)). Consideremos as frases que se seguem:

- (62) a. O Pedro é simpático
- b. O Pedro está a ser simpático
- (63) a. O Rui vive em Paris
- b. O Rui está a viver em Paris
- (64) a. A Rita é alta
- b. *A Rita está a ser alta

Verificamos, então, que em (62) e (63) estamos diante de estados faseáveis, dado que *ser simpático* e *viver em x*, ao poderem construir-se no Progressivo, revelam um comportamento próximo de eventos. Em contrapartida, em (64) estamos diante de um estado não faseável, tendo em conta que o predicado *ser alto* apresenta propriedades estáveis.

Por outro lado, a classe aspetual Estado estabelece relações com predicados de indivíduo e com predicados de fase, como ilustram as frases abaixo:

- (65) O Rui é alto e tem olhos azuis. (predicados de indivíduo não faseável)
- (66) O Rui é preguiçoso. (predicado de indivíduo faseável)
- (67) O computador está avariado (predicado de fase não faseável)

Por conseguinte, a combinação das propriedades de predicados de indivíduo e predicados de fase permitem a caracterização dos predicados de estados. (cf. Oliveira *et al* (2006:147))

2.5. Predicados de indivíduo vs predicados de fase

As frases constroem-se a partir de predicados e, efetivamente, são estes elementos que permitem identificar ou distinguir as situações que o falante pretende transmitir (cf. Peres e Mória (1995)).

Desde a proposta de Carlson (1977), que se usa uma distinção com bastante operacionalidade em linguística, predicados de indivíduo e predicados de fase (ou estágio). Em Português, a distinção entre os predicados de indivíduo e os predicados de fase manifesta-se, em primeira instância, no contraste entre os verbos *ser/estar* como refere Oliveira (2003a:524) “o contraste *ser/estar* [...] está de certa forma gramaticalizado na medida em que predicados de indivíduo se constroem tipicamente com *ser* e predicados de fase com *estar* [...] sobretudo quando estes predicados se constroem com adjetivos ou participípios”.

Estes predicados apresentam características específicas que vêm, de certa maneira, diferenciá-los. Assim, os predicados de indivíduo, adianta Oliveira (2003a), na medida em que caracterizam diretamente uma entidade, manifestam algumas incompatibilidades com determinados adverbiais temporais de duração e de localização, para além de não admitirem a quantificação por meio de expressões como *sempre que*, (cf.68).

- (68). a. *O João foi alto *ontem*
b. **Sempre que* o João é alto, pratica atletismo
c. *O João foi/ era alto *às duas da tarde*

Na verdade, as frases acima são anómalas, uma vez que, como já foi mencionado, não ocorrem com estes tipos de adverbiais.

Entretanto, importa salientar que os predicados de indivíduo podem ocorrer no escopo do operador aspectual¹¹ *passar a* como em (69):

- (69) O João *passou a* ser alto depois de tomar vitaminas.

Na sequência da análise em questão, os predicados de fase têm um comportamento inverso, como refere Oliveira (2003a:526): “podem ocorrer sem restrições com adverbiais de duração e de localização temporal, podem ser quantificados e admitem, sem grandes dificuldades, adverbiais de localização temporal estrita, induzindo uma interpretação da inclusão destes no intervalo de tempo em que ocorrem”. (cf.70):

- (70) a. O Rui esteve contente *ontem*
- b. *Sempre que* o Rui está contente, telefona aos amigos.
- c. O Rui esteve /estava contente *às duas da manhã*
- d. *O Rui *passou a* estar contente. (leitura não habitual)

Em (70.d) a frase é anómala na medida em que o operador *passar a* manifesta restrições na ocorrência com predicados de fase.

Assim, Cunha (2004:84) define predicados de indivíduo como sendo “ tipo de entidades que manifestam propriedades permanentes, ou tendencialmente estáveis, isto é, as características veiculadas pelos predicados em causa poderão acompanhar os indivíduos através do seu percurso no tempo e no espaço”. Quanto aos predicados de fase, segundo o mesmo autor, “descrevem propriedades tipicamente transitórias ou episódicas na total dependência de intervalos de tempo mais ou menos longos”.

Sumariando, os predicados em análise têm como suporte da sua oposição, em Português, o contraste *ser/estar*. Por outro lado, os predicados podem ser combinados com as propriedades faseável e não faseável.

SÍNTESE

O Aspeto é uma categoria linguística bastante complexa por se manifestar de diferentes maneiras nas diversas línguas existentes no mundo.

No entanto, de acordo com as propostas teóricas, constatámos que “o Aspeto fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação” (Oliveira 2003:129).

Verificámos também que é necessário separar as situações que descrevem Estados daquelas que descrevem Eventos, dado que os Eventos são de natureza dinâmica e os Estados não são de natureza dinâmica.

Deste modo, tendo em conta o Núcleo Aspectual, os eventos apresentam fases, isto é, partes de uma linha descontínua que apresenta um processo preparatório, uma culminação e um estado consequente. Os estados não têm fases e por isso não podem estar incluídos no núcleo aspectual.

Por outro lado, devido à especificidade dos estados, estes podem ser classificados em estados faseáveis e estados não faseáveis. Assim, os Estados faseáveis [+ faseável] são capazes de se converter em Processos e os Estados não faseáveis [-faseável] comportam-se sempre como situações de natureza estativa.

Neste ponto, analisámos também os predicados de indivíduo e os predicados de fase e constatámos que estes têm como suporte da sua oposição, em Português, o contraste *ser/estar*.

Também tiveram destaque, neste ponto, alguns tempos verbais por serem considerados elementos desencadeadores de mudança aspectual. Na verdade, verificámos que o Pretérito Perfeito simples, quando associado a eventos, permite interpretar uma sucessão de frases simples como uma sucessão de eventos. Porém, este tempo não altera o valor aspetual da predicação.

Quanto ao Pretérito Perfeito Composto, este pode ser um operador aspetual quando combinado com eventos, necessitando, em alguns casos, de adverbias de quantificação adverbial. Com os estados apresenta algumas restrições. O Imperfeito, por sua vez, pode ter uma leitura temporal, modal e aspetual.

Para finalizar, concluímos que para uma leitura aspetual adequada é necessário ter-se em conta os diversos fatores linguísticos, nomeadamente: morfológicos (afixos verbais); sintáticos (argumento interno, argumento externo, sintagmas preposicionais adjuntos...) e semânticos (tipo de predicação, natureza semântica dos nomes, adverbiais, quantificadores...); em suma, a aspetualidade é Composicional.

Notas

7. Lyons afirma que o termo Aspeto é convencionalmente aceite por linguistas, embora pouco satisfatoriamente, como a oposição entre o perfeito e o imperfeito nas línguas eslavas. No entanto, o autor

apresenta uma série de oposições como as baseadas nas noções de duração, nomeadamente: instantaneidade, frequência, iniciação, completude e outras (cf. 1977:703-709)

8. As formas participiais dos verbos inergativos não podem ocorrer em posição predicativa. Para mais informações veja Duarte (2003:301).

9. Veja-se Cunha (2004:72)

10. Cunha (2004:87) encara o conceito de faseabilidade como uma propriedade “graduável”. Considerou as seguintes frases:

(i)?/* O Rui está a ser famoso/ começou a ser famoso/? Sê famoso!

(ii)? A Ana está a ser rica/ começou a ser rica/?? Sê rica!

Para Cunha estas frases representam estativos que se posicionam num ponto intermédio de uma escala que percorre diversos “níveis” ou “graus”, desde o “patamar” claramente [+faseável] até inequivocamente [-faseável].

11. De acordo com Cunha (1998:447/462), operadores aspetuais são elementos linguísticos cuja principal função é a de alterar a “perspetivação” ou a “focalização” das situações, manifestando, portanto, consequências muito relevantes ao nível da classificação aspetual das expressões com que se combinam”.

CAPÍTULO 3

O PRESENTE DO INDICATIVO

Os tempos do Indicativo, conforme a gramática de Cunha e Cintra (1984:447), “exprimem uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro”. Nesta perspectiva, o Presente do Indicativo exprime um estado ou uma ação real.

Os linguistas são unânimes em afirmar que o Presente do Indicativo localiza as situações num intervalo que se sobrepõe ao momento da enunciação; (Cunha e Cintra (1984), Kamp e Reyle (1993), Oliveira (2003a) e outros).

Assim sendo, neste capítulo começaremos por abordar de forma sucinta o Presente do Indicativo na perspectiva das gramáticas a fim de obtermos uma visão geral deste tempo. Posteriormente, analisaremos o Presente do Indicativo e as classes dos predicados, tendo em conta que, sob o ponto de vista semântico, a natureza do predicado permite identificar o tipo de leitura (temporal, modal ou aspetual), assim como permite identificar o tipo de relação (inclusão, sucessividade ou sobreposição). Finalmente, analisaremos o Presente Progressivo visto que, em certas construções em que ocorre, este operador fornece uma leitura de “presente real”.

3.1. Sobre o Presente do Indicativo

3.1.1. Cunha e Cintra (1984)

Os gramáticos Cunha e Cintra consideram o Presente um tempo natural e que designa um facto ocorrido no momento em que se fala. Para os linguistas, o Presente é um tempo indivisível. Assim, nesta gramática, (Cunha e Cintra, 1984: 447-448), o Presente do Indicativo emprega-se:

- “Para enunciar um facto atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (Presente momentâneo): *É noite*”.

-“Para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (Presente durativo): *A terra gira em torno do próprio eixo.*”

-“Para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (Presente habitual ou frequentativo): *Sou tímido.*”

-“Para dar vivacidade a factos ocorridos no passado (Presente histórico ou narrativo).”

- “Para marcar um facto no futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial: *amanhã mesmo vou para Belo Horizonte...*”

Para além desses usos, nesta gramática também se menciona aquilo que os autores chamam “valores afetivos do Presente do Indicativo”. Para Cunha e Cintra, o uso do presente histórico ou narrativo é uma dramatização linguística, pois o seu valor expressivo decorre do facto de se usar o Presente para narrar uma situação passada, que tipicamente é feito com o Pretérito Perfeito.

É de notar que, embora de uma maneira implícita, quando os autores falam do Presente habitual ou frequentativo, interpretam o Presente do Indicativo como um operador aspetual. Para além disso, os gramáticos fazem referência ao uso do Presente do Indicativo para marcar o futuro.

3.1.2. Mateus *et al.* (2003)

Nessa gramática, Oliveira considera que o Presente do Indicativo localiza uma situação num intervalo que se sobrepõe ao momento de enunciação com Estados. Entretanto, com Eventos está restringido a relatos diretos e ao uso de enunciados performativos.

Por outro lado, o Presente pode apresentar-se como uma projeção do passado, nos usos designados por Presente Histórico, como em (71), exemplo da autora:

(71) Em 1940 a cantora vive em Paris, vindo a comprar....

Por outro lado, em construções apropriadas, o Presente também pode ser utilizado para referir um tempo posterior ao tempo da enunciação, isto é, projeta a situação para o futuro,

nomeadamente quando apoiado por adverbiais e quando o predicado selecionado é um evento, como ilustrado em (72), exemplo da autora.

(72) Amanhã a Rita corre no estádio universitário.

Finalmente, existem casos em que o Presente é usado em instruções (valor modal deôntico) como em (73), exemplo da autora.

(73) Sais do aeroporto e, à direita, está a paragem de autocarros. Apanhas o 203.

Segundo esta gramática, o Presente do Indicativo pode apresentar uma leitura temporal, uma leitura aspetual e uma leitura modal. Para além disso, pode também projetar as situações para o futuro ou para o passado.

3.2. Os diferentes usos do Presente do Indicativo

As descrições e propostas sobre o Presente referidas em Cunha e Cintra (1984), e Mateus *et al.* (2003) revelam uma enorme diversidade dos usos do Presente que, em certa medida, se contrapõem a uma visão mais comum que se tem do Presente.

Neste ponto abordaremos sucintamente alguns usos do Presente do Indicativo em Português.

3.2.1. O Presente do Indicativo descritivo

Os usos descritivos são característicos das reportagens desportivas (o uso reportativo), das instruções e dos usos performativos. Consideremos as frases (74)

- (74) a. E, neste momento, Rosa Mota corta a meta! E ganha mais uma medalha!
b. Sais do aeroporto e à tua direita encontras a paragem do autocarro.
Apanhas o autocarro 34.

O uso reportativo mostra as situações envolvidas como sucedendo à medida que o discurso se vai desenrolando. Como sugere Cunha (2004:229) “parece existir uma coincidência plena entre o momento de enunciação e as eventualidades descritas, o que, a acontecer, obriga o enunciador a convertê-las em eventos pontuais”.

Deste modo, Cunha conclui que, no contexto do uso reportativo, o Presente do indicativo revelará a capacidade de converter as situações com que se combina em eventos pontuais. O autor sublinha que esta análise só é aceitável tendo em conta a proposta de Kamp e Rohrer (1983) e Kamp e Reyle (1993) em que o momento da enunciação é concebido como um instante.

Quanto às instruções (valor modal), Nef (1986:97), citado por Matos (1999:246), afirma que o tempo da enunciação deixa de ser aspetualmente concebido como pontual e passa a ter uma estrutura interna.

Por conseguinte, para Matos (1999:246), neste contexto de uso, isto é, em instruções e performativo, é o próprio tempo real da elocução que conta para a avaliação do Presente. Assim, representa esquematicamente:

	ASPETO		Perspectiva. TEMPORAL	Localização. TEMPORAL
Pr. Descritivo	+STAT	-PERF	Presente: p=n	Simultan: p=t

Quadro XI. Representação do Presente Descritivo.

3.2.2. O Presente do Indicativo narrativo

O Presente narrativo é o tradicionalmente chamado “presente histórico”, sobretudo quando se trata de uma narração de factos históricos. Assim, a presentificação do passado é característica do modo de enunciação narrativo em geral, justifica Matos (1999).

Do mesmo modo, para Cunha (2004:230), o presente histórico “consiste no uso em que o enunciador projeta os factos passados no presente”. Consideremos a frase em (75), frases extraídas da obra em referência:

(75) Na primavera de 1114, os cavaleiros descobrem o rio, atravessam o vale, passam para o monte, contornam o deserto e chegam à cidade. (leitura sucessiva)

Com efeito, em (75), existe uma sucessão de eventos, realçando-se um aspeto que Matos (1999:246) refere: “o narrador abandona uma perspetiva meramente cronológica dos factos para atribuir um realce a determinada sequência... presentificando o passado”. Neste caso,

não temos uma sobreposição, mas sim uma relação de sucessividade entre os eventos (Cunha (2004)).

Por outro lado, outro elemento a focar neste tipo de uso é o recurso obrigatório aos adverbiais de localização temporal, com finalidade de contextualizar a eventualidade.

Finalmente, Matos (1999:247) afirma existir uma translação do ponto de perspectiva temporal, de modo que a frase deixa de ser avaliada a partir de “p=n” e passa a ser a partir de “p < n”. Em síntese esquematiza assim:

	ASPETO		Perspetiva temporal	Localização temporal
	- STAT	+/- PERF	Passado: “p < n”	Simultaneidade: p=t
Pr. Narrativo				

Quadro XII. Representação do Presente Narrativo.

3.2.3. O uso do Presente do Indicativo como projeção para o futuro

A projeção do Presente do Indicativo para o futuro ocorre normalmente apoiada por adverbiais. Consideremos as frases (76) e (77):

(76) Amanhã a Rita apresenta uma comunicação.

(77) Na próxima semana, a Maria parte para Lisboa (às seis da manhã), anda no comboio (durante três horas), apresenta o seu trabalho (em trinta minutos) e regressa ao Porto (ao fim da tarde).

Assim, em (76), o evento *apresentar comunicação* vai realizar-se após o momento de enunciação, tendo em conta o advérbio *amanhã*. Em (77), é apresentada uma sucessão de frases no presente com projeção para o futuro, tendo em conta o adverbial *na próxima semana*. O que é interessante neste exemplo é que cada Presente é posterior ao anterior, combinando-se, assim, a projeção para o futuro com o Presente Narrativo.

Como refere Cunha (2004:230) “sempre que o referido tempo remete para uma localização das eventualidades com que ocorre num intervalo posterior ao ponto de enunciação manifesta uma certa neutralidade, em termos aspetuais, e também uma marcada preferência por uma interpretação sucessiva de eventos”.

Ainda em relação à neutralidade aspetual do uso “futurativo”, linguistas como Mangueneau (1999) e Lopes (1995) partilham da ideia de que este uso não opera efeitos semânticos significativos. Deste modo, Mangueneau (1999:82/83) justifica:

“Il ne faut pas penser qu’ici (demain, Paul va à Nice; hier je vais chez lui; sa mère veut pas que je rentre) le Présent se met à exprimer le futur ou le passé en fait, ce sont les adverbes qui portent l’information temporelle de l’énoncé”.

Na mesma vertente, Cunha e Silvano (2008:184) também realçam alguns autores que analisam a projeção do presente para o futuro e referem “nestes usos, o tempo gramatical veicularia tão-somente um valor modal de certeza ou de alta probabilidade” e não o futuro.

Usando um esquema semelhante ao dos casos anteriores, as frases com esta informação temporal são avaliadas agora a partir de $p < n$. Assim podemos apresentar esquematicamente:

	ASPETO		P. TEMPORAL	L. TEMPORAL
Pr. futurativo	-STAT	+/- PERF	Futuro: $p < n$	Simul. $P=t$

Quadro XIII. Representação do Presente com projeção para o Futuro.

O Presente do Indicativo revela-se um tempo com diversos usos, no entanto a projeção para o passado ou para o futuro é entendida como uma forma neutra em termos aspetuais, por isso Maingueneau (1999:82) considera “le présent comme forme zéro”

3.3. O Presente e as classes aspetuais de predicções

O presente tem um comportamento diverso conforme se combina com estados ou com eventos. Com aqueles, dá uma informação de tempo e com estes desencadeia alterações em termos aspetuais que se traduzem numa leitura de carácter habitual. No entanto, apresenta algumas restrições quanto às culminações, aos processos culminados e aos pontos, na medida em que, quando ocorre com os processos culminados, normalmente são necessários adverbiais de quantificação e com culminações usa-se, habitualmente, em relatos diretos (cf. Oliveira (2003)).

3.3.1. O Presente com processos

Os processos são uma classe aspetual atética, dinâmica, durativa e homogênea. Em particular as propriedades de homogeneidade e de atelicidade fazem com que esta classe aspetual não tenha um estado consequente, em virtude de não ter culminação, e por cada uma das partes ser de natureza semelhante ao “todo” (cf. Cunha (2004)). Consideremos as frases em (78):

- (78). a. A Maria canta.
- b. A Maria trabalha.
- c. A Maria corre.

Em (78.a) a leitura preferencial é a de estado habitual, já que as ocorrências têm lugar num intervalo de tempo não delimitado, mas inclui o tempo de enunciação, sendo o evento “cantar” concebido como uma propriedade predicada a (agente) *Maria*. Neste âmbito, a frase pode ser parafraseada “*a Maria é cantora*”. Assim, *ser cantora* é uma predicação de cariz estativo (Kamp e Reyle 1993; Lopes 1995; Oliveira 2003; Cunha 2004). Cunha (2006) sublinha que o estado habitual ou a habitualidade “requer um intervalo relativamente longo e um padrão de repetição relativamente estável”.

Deste modo, podemos verificar que o Presente não apresenta restrições nenhuma quando ocorre com os processos. Efetivamente, este tempo verbal com processos desencadeia uma predicação de cariz estativo e consequentemente proporciona uma leitura de habitualidade.

3.3.2. O Presente com processos culminados

Os processos culminados caracterizam-se por serem predicados télicos, durativos, não homogêneos e dinâmicos. Em particular a propriedade de telicidade permite conceber que esta classe aspetual possa ter um estado consequente, se pensarmos no Núcleo Aspetual proposto por Moens (1987), (cf. Cunha (2004)). Assim sendo, consideremos a frase em (79):

- (79) O João lê um livro.

Deste modo, estamos diante de uma situação não delimitada, sendo a única leitura possível a de um estado habitual. No entanto, a coocorrência do presente com Processos

Culminados produz frases não completamente aceitáveis, sendo necessário, como já se mencionou brevemente, a presença de adverbiais temporais, (cf.80):

(80) O João lê um livro todas as semanas/ em duas semanas.

Como Oliveira (2003) destaca “com processos culminados, o Presente é raramente utilizado sem adverbiais de quantificação (*todas as semanas, muitas vezes*, entre outros).” No entanto, não significa dizer que, com isto, se perca a leitura de habitualidade.

3.3.3. O Presente com culminações

As Culminações são uma classe aspetual pontual, isto é, não tem duração, e não é homogénea, caracterizando-se por ter um estado consequente, dinamismo e telicidade. Consideremos as frases (81) e (82).

(81) Neste momento, a Carla Sacramento corta a meta.

(82) O Rui ganha a corrida sempre / todos os dias.

Em (81) temos a ocorrência do Presente com um predicado de culminação. Mas esta só é possível nos casos em que temos relato direto, pois, como Oliveira (2003) sublinha, as formas do Presente são pouco usuais em frases com culminações. Em (82), temos uma configuração que adquire habitualidade através de um adverbial de quantificação.

Oliveira (2003:145) conclui “a transição de um evento para um estado iterativo ou mesmo habitual operado pelo Presente permite compreender em parte por que razão as frases genéricas caracterizadoras surgem usualmente com o Presente”.

3.3.4. O Presente com pontos

Na literatura, os pontos são caracterizados como situações de natureza dinâmica, não durativa (cf. Moens (1987), Moens e Steedman (1988), Cunha (2007)). Deste modo, os pontos são considerados atômicos na medida em que se revelam totalmente indivisíveis; Consideremos as frases em (83):

(83) a. (?) O Pedro espirra

b. O Pedro espirra frequentemente / sempre que sai do banho.

Em regra, à semelhança das culminações e dos processos culminados, a ocorrência do Presente com pontos deve ser sempre acompanhada por adverbiais de quantificação para que o enunciado tenha aceitabilidade (cf. 83.b) e também neste caso é induzida uma leitura de habitualidade ou de frequência. Em (83.a) a frase é pouco aceitável, pois, tendo em conta o conhecimento do mundo, *espirrar* não pode ser considerada uma propriedade.

Por outro lado, os pontos não apresentam estado consequente tal como refere Cunha (2007:4) “os pontos não admitem a presença de qualquer tipo de estado consequente associado à sua ocorrência”.

Com efeito, o Presente apresenta restrições quando ocorre com processos culminados, culminações e pontos, na medida em que exige a presença de um adverbial de quantificação para delimitar o intervalo de tempo e se efetivar a culminação.

Quanto aos pontos, o adverbial efetiva a aceitabilidade do enunciado. Matos (1999:252) sublinha: “o Presente exige um contexto adequado, geralmente expresso por adverbiais de tempo, para poder ser usado com estas classes aspetuais”. Da associação dos adverbiais com estas classes aspetuais resulta que todas apresentam como leitura preferencial a habitualidade. Assim, o Presente converte os eventos em estados habituais.

3.3.5. O Presente com estados

Os estados são caracterizados como situações atéllicas, não delimitadas por natureza e homogêneas, não admitindo pausas no todo homogêneo. Os estados podem ser básicos (ou lexicais (cf. Moens 1987)) ou derivados. Quando são básicos, podemos, de acordo com os estudos de Cunha (1998, 2004), considerar dois tipos: os estados faseáveis e os estados não faseáveis.

Quando ocorre com estados, o Presente apresenta preferencialmente uma leitura “temporal”, como Oliveira (2003:144) conclui “o Presente só é um tempo presente, pelo menos parcialmente sobreposto ao tempo da enunciação com estados”. Assim sendo, o Presente do Indicativo quando ocorre com esta classe aspetual apresenta leitura temporal. (cf.84)

- (84) a. A Maria está doente.
b. A Maria vive no Porto.
c. A Maria sabe Português.

Em regra, a ocorrência do Presente do indicativo com estados não admite adverbiais de duração, pois a frase torna-se anômala. Consideremos as frases que se seguem:

- (85) a. *O João é alto durante uma semana.
b. *O João vive no Porto durante 5 anos.

As frases em (85) não são aceitáveis dado que a ocorrência do Presente com estados propicia uma leitura de presente real, o que não se verifica nestas frases, devido aos adverbiais de duração, que não restringem a situação apenas ao momento de enunciação. Deste modo, para as frases se tornarem aceitáveis devemos substituir os adverbiais de duração pela expressão *neste momento*. Vejamos as paráfrases:

- (85). a O João é alto (neste momento)
b O João vive no Porto (neste momento)

Nestas paráfrases temos pelo menos parcialmente a sobreposição dos estados ao momento da enunciação, propiciando assim uma leitura de presente real.

3.4. O Presente do Indicativo no contexto das frases genéricas

De acordo com a literatura, as construções genéricas têm a possibilidade de generalizar sobre indivíduos (termos de espécie) e de generalizar sobre situações (frases caracterizadoras)¹². (cf. Oliveira e Cunha (2010)).

As construções que envolvem genericidade revelam-se bastante complexas, na medida em que é necessário ter em atenção os vários fatores linguísticos que interferem neste tipo de estruturas¹³.

Neste trabalho, porém, vamos destacar apenas os tempos verbais, uma vez que estes elementos linguísticos também são considerados essenciais para uma leitura genérica das construções. Assim sendo, o Presente, por ter uma leitura tendencialmente estativa, é um

dos tempos preferenciais das frases genéricas. Na abordagem dessa questão, tem ainda de se ter em conta a natureza dos predicados.

3.4.1 O Presente com predicados de indivíduo

O Presente do Indicativo é um dos tempos preferenciais das frases genéricas, como Oliveira (2012a:4) afirma: “o tempo verbal presente é tipicamente indicador de genericidade”.

Assim sendo, o Presente com predicados de indivíduo não opera quaisquer alterações aspetuais, pelo simples facto de estes caracterizarem diretamente uma entidade; paralelamente, trata-se de configurações eminentemente estativas, que apresentam restrições à ocorrência com adverbiais temporais de duração e de localização e que não admitem quantificação por meio de expressões como *sempre que*¹⁴. Nesse sentido concorrem as frases em (86) e (87)

(86) A Maria é alta.

(87) Os tigres são corpulentos.

O Presente com predicados de indivíduo (estados) induz uma leitura de espécie (cf.88).

(88) As chitas são velozes.

Neste contexto, em (88) as propriedades são diretamente atribuídas a termos de espécie através de predicados de indivíduo: este é um tipo de genericidade. Em suma, o Presente com predicados de indivíduo não produz alterações aspetuais; induz uma leitura de espécie, que é, por sua vez, típica de frases genéricas.

3.4.2. O Presente com predicados de fase

O Presente do Indicativo com predicados de fase opera alterações aspetuais. Com efeito, Oliveira (2003a:526) refere que “os estados habituais são eventualidades derivadas obtidas a partir de eventos que [...] permitem a consideração de variáveis de situação que podem ser ligadas por operador quantificacional e obter-se assim a generalização”. Consideremos as seguintes frases:

- (89) a. A Rita canta.
b. A Rita canta habitualmente.
(90) Os jovens gostam de música.

Deste modo, em (89) estamos diante de uma frase caracterizadora genérica, na medida em que em (89.a) temos um predicado distintivo que atribui a propriedade “cantora” ao argumento externo “Maria”; em (90) também estamos diante de uma frase caracterizadora genérica, pois temos o argumento externo “os jovens” associado ao predicado de fase “gostar”. Ora, a este respeito, Oliveira (2010:453) escreve: “quando uma predicação não integra quantificação explícita sobre situações são diretamente atribuídas propriedades gerais ou distintivas aos indivíduos ou espécies que se constituem como argumento externo da frase”.

Por outro lado, em (89.b) há uma recorrência de situações, logo também se trata de uma frase caracterizadora genérica, tal como é aliás sublinhado por Oliveira e Cunha (2010:453): “quando uma predicação integra quantificação explícita sobre situações é atribuído um hábito – concebido como recorrência ou repetição de uma dada eventualidade – aos indivíduos que se constituem como argumento externo da frase”.

A leitura de genericidade pode ser cancelada se substituirmos o Presente simples pelo Presente Progressivo (cf.91) e também se alterarmos o tempo verbal para o Pretérito Perfeito simples¹⁵ (cf.92).

- (91) A Rita está a cantar.
(92) A Rita cantou no festival.

Sumariando, o Presente, no contexto das frases genéricas, quando ocorre com predicados de indivíduo, não altera aspetualmente as situações.

Por outro lado, importa voltar a realçar que existem diferentes tipos de genericidade, todavia esta diversidade tem que ver com as estruturas linguísticas que lhes estão associadas. Assim, o Presente, no contexto das frases genéricas, de acordo com Oliveira e Cunha (2012:6), assume as seguintes formas:

- “Atribuição direta de propriedades distintivas a espécies”.

-“Atribuição de propriedades por repetição de situações a espécies e a indivíduos”.

Efetivamente, o Presente é o tempo típico das frases genéricas.

3.5. O Progressivo

As construções progressivas são realizadas através de *estar a* + infinitivo no português europeu, ou *estar* + gerúndio no português brasileiro. Uma das características mais relevantes destas construções, segundo Oliveira (2003:146), é “o serem perspectivadas como estando a decorrer”. Por isso, admitem uma leitura de “Presente real”.

Assim, neste ponto, com base em Cunha (1998) e Oliveira (2003), vamos analisar o carácter estativo das construções progressivas; seguidamente, ainda segundo os mesmos autores, trataremos o Progressivo e as classes aspetuais, a fim de termos uma visão geral dos efeitos deste operador aspetual ao nível das predicções em que está envolvido.

3.5.1. O carácter estativo das construções progressivas

Um dos efeitos mais relevantes do Progressivo é o de “tornar estativas as situações em que ocorre”. Cunha (1998) faz esta afirmação, começando por analisar em primeira instância o verbo *estar* que é um dos componentes deste operador. Assim, Cunha (1998:4) afirma que, “*estar* comparece, tipicamente, apenas em predicções estativas” como em *O João está doente*. Em função disto, o autor conclui que é natural que a construção progressiva mantenha as características estativas que lhe são próprias.

Por outro lado, de acordo com o mesmo autor, a impossibilidade de os estados ocorrerem em construções progressivas também é um argumento a favor do carácter estativo das construções progressivas. Consideremos os exemplos (93):

(93) *O João está a ser alto.

A anomalia desta frase decorre do facto de não produzir qualquer consequência ao nível da predicção, visto que um dos efeitos do progressivo é estativizar as situações, logo estaríamos diante de uma redundância (cf. Cunha (1998)).

Cunha apoia-se nas propostas de Dowty (1979) e Vlach (1981) como meio de dar uma sustentabilidade mais sólida e decisiva ao carácter estativo do progressivo.

Deste modo, apresenta alguns critérios avançados por aqueles autores:

- O Progressivo não comparece em construções progressivas, como em: *O João está a estar a trabalhar.*
- As construções progressivas admitem uma leitura de “presente real; o Presente Progressivo, em particular, tem a interpretação de “presente no momento” como a mais frequente e “natural” (cf. Cunha (1998c): *O João está a trabalhar neste momento.* Neste caso, a informação do tempo sobrepõe-se ao momento de enunciação.

Cunha reforça ainda que os testes propostos para a distinção entre Estados e Eventos parecem confirmar o carácter estativo dessas estruturas. Consideremos as frases em (94) e (95), exemplos do autor:

- (94) a. (??) O João esteve a trabalhar às duas horas.
b. O João esteve a trabalhar durante uma hora.
c. * O João esteve a ler um livro numa hora.
- (95) a. (??) O João esteve a ler um livro à uma da tarde.
b. O João esteve a ler um livro durante uma hora.
c. * O João esteve a ler um livro numa hora.

Assim, Cunha (1998:9) correlaciona às frases e apresenta a seguinte análise: tal como os estativos, as frases com Progressivo não admitem adverbiais que identifiquem a totalidade de uma eventualidade com um intervalo de tempo (cf. (94).c e (95).c); combinam-se sem restrições, com adverbiais durativos (cf. (94) b e (95).c) e a sua ocorrência com adverbiais pontuais é condicionada (cf. (94)a e (95) a).

Finalmente, podemos verificar que as construções progressivas revelam-se durativas, homogéneas e intrinsecamente atéticas, propriedades estas que também ostentam os estados, logo as construções progressivas denotam um carácter estativo.

3.5.2. O Progressivo e as classes aspetuais de predicacões

Todas as classes aspetuais de predicacão podem ocorrer com as construções progressivas, havendo apenas restrições com estados não faseáveis e com as formas progressivas. Consideremos os exemplos retirados em Oliveira (2003:146).

- (96) A Maria está a ler o jornal.
- (97) O Rui está a correr.
- (98) A Carla está a ganhar a corrida.
- (99) A Ana está a espirrar.
- (100) O Pedro está a viver em Paris.
- (101) *O Pedro está a ser alto.

Podemos constatar que, em (96), o Presente progressivo ocorre com um predicado de processo culminado, porém este cancela a sua culminação, tendo em conta que ainda está em curso. Em (98) temos um predicado de culminação que ainda não teve lugar, isto é, está em curso. Em (99), verifica-se uma iteração de pontos. Em (100) estamos perante um estado faseável e, em (101), perante um estado não faseável.

Consequentemente, os predicados de processos culminados em construções progressivas tornam o evento incompleto (96); com as culminações, estas ganham duração (98), enquanto, com processos, parece haver uma informação de Presente (97) e com os pontos, uma iteração.

Oliveira (2003:148) conclui que o Progressivo tem pelo menos os seguintes efeitos: “as situações comportam-se basicamente como estados; as situações télicas no progressivo perdem a sua culminação, as culminações perdem também a sua não duração. Com verbos de criação, as formas progressivas supõem em geral objetos incompletos”.

SÍNTESE

Analisado numa vertente semântica, o Presente do Indicativo é o foco principal deste trabalho. Numa revisão da literatura, designadamente no contexto das gramáticas de Cunha e Cintra (1984) e de Mateus *et al.* (2003), constatámos que, com Estados, o Presente do Indicativo localiza uma situação num intervalo que se sobrepõe ao momento de enunciação. Além disso, pode projetar uma situação para o passado ou para o futuro.

Ainda no contexto das gramáticas, verificámos que o Presente pode ter uma leitura temporal e aspetual.

Deste modo, tivemos a possibilidade de compreender que o Presente se revela um tempo com bastantes usos que se refletem em diversas interpretações, tanto em termos de relações entre as situações, como em termos de localização temporal. Desta forma, no uso narrativo, denota-se uma relação de sucessividade entre os eventos e a situação descrita localiza-se num intervalo anterior ao momento de enunciação. Normalmente, nestes usos, faz-se recurso aos adverbiais para se contextualizar a situação.

Em relação à projeção do Presente para o futuro, a eventualidade descrita localiza-se num intervalo posterior ao momento de enunciação. Porém, muitos linguistas afirmam que tanto o uso narrativo como a projeção do Presente para o futuro manifestam uma certa neutralidade em termos aspetuais devido ao recurso dos adverbiais.

Sendo o Presente considerado um operador de mudança aspetual, verificámos que, com os estados, propicia uma leitura de “presente real” e, com eventos, desencadeia alterações aspetuais que se traduzem numa leitura de carácter habitual, embora apresentando certas restrições com algumas classes aspetuais de predicação, por exigir a presença de adverbiais.

Constatámos também que o Presente, por ter uma leitura tendencialmente estativa, é um dos tempos preferenciais das frases genéricas. Assim, o Presente com predicados de indivíduo não opera alterações aspetuais, porém facilita uma leitura de termo de espécie, que é, por sua vez, típica de frases genéricas. Com predicados de fase, opera alterações aspetuais.

Em suma, o Presente é o tempo típico das frases genéricas e, nesse contexto, por seu intermédio, obtém-se:

-“Atribuição direta de propriedades distintivas a espécies”.

-“Atribuição de propriedades por repetição de situações a espécies e a indivíduos”.

Finalmente, neste capítulo, analisámos o Presente Progressivo e concluímos que este perspetiva a situação como estando a decorrer e admite uma leitura de “Presente real”, sobretudo quando se adicionam adverbiais como “agora” e “neste momento”. Também foi possível compreender que o Progressivo pode ocorrer com todas as classes aspetuais de predicação, estando sujeito a restrições apenas com estados não faseáveis.

Notas

12. Oliveira e Cunha (2010) consideram que a genericidade não se limita apenas a generalizar sobre indivíduos e a quantificar sobre situações. Com efeito, a genericidade, segundo os autores, assume diferentes formas.

13. Estudos desenvolvidos por Oliveira e Cunha (2010) revelam que os tempos verbais, a natureza aspetual das predicções e o tipo de predicados são elementos a ter em conta no tratamento das questões sobre as frases genéricas.

14. "Sempre que" é uma expressão linguística utilizada como critério para distinguir predicados de indivíduo versus predicados de fase.

15. O Pretérito Perfeito é um tempo terminativo, tendo apenas leitura temporal (neste contexto) e não se verifica uma repetição nem tão pouco leitura habitual. Porém, já foi mencionado no capítulo 2.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este trabalho tem como objetivo analisar a semântica do Presente do Indicativo em textos jornalísticos no Português Angolano e no Português Europeu em frases complexas, especificamente em completivas finitas.

Assim, o *corpus* para a análise do Português Angolano foi recolhido em dois jornais online (*Jornal de Angola* e o jornal *O País*) e num Semanário (*Semanário Angolense*). Quanto ao *corpus* do Português Europeu, consultámos a base de dados Cetempúblico da Linguateca.

Neste estudo apenas consideramos as formas de Presente dos verbos principais, excluindo, por isso, construções com semiauxiliares como: “continua a trabalhar”, “vai partir” e outras formas semelhantes. No tratamento dos dados que a seguir se apresenta e na sua análise não consideramos também estas construções nem construções do tipo de “é que”.

Neste capítulo, primeiramente vamos fazer uma apresentação sucinta sobre as características do texto jornalístico uma vez que os dados recolhidos e utilizados são retirados de imprensa escrita. Seguidamente vamos apresentar os dados do português escrito em Angola e do Português Europeu e, finalmente, faremos a análise dos dados.

4.1. Características do texto jornalístico

De acordo com Kauffmann (2005:135) “o jornal é uma mídia influente na sociedade. Ele veicula textos que atendem às necessidades sociais e culturalmente estabelecidas em formatos linguísticos reconhecidos por uma comunidade discursiva”. O autor adianta ainda que o registo jornalístico é descrito como detentor de características funcionais comuns e próprias se comparadas a outros registos.

Kauffmann (2005:3) considera que “o texto jornalístico corresponde ao material não publicitário resultante do esforço editorial produzido por um corpo relativamente estabilizado de jornalistas...”.

Deste modo, os textos jornalísticos caracterizam-se pela concisão, construindo assim um texto com uma redação no presente, mesmo em relação a acontecimentos que tiveram lugar no passado.

Por outro lado, um elemento importante no discurso jornalístico é a relevância, como considera Perez (2000), citado por Frade (2005:52) escreve “o que o princípio de relevância expressa é a presunção de um produtor que considera necessário comunicar algo, por isso, ele o fará da forma mais relevante possível dentro das circunstâncias em que for produzido”. Por conseguinte, faz recurso permanente ao Presente do Indicativo e não só para tornar a informação atual e atuante. Como Silvano (2002:143) refere, “o Pretérito Perfeito é utilizado para relatar enunciados proferidos num tempo passado, relevantes no panorama da informação e o Presente para relatar opiniões crenças ou intenções, que, em termos noticiosos, se revestem de maior interesse se tiverem uma validade presente”.

Na verdade, os textos jornalísticos têm como principal propósito comunicativo a informação e para tal recorrem ao uso do Presente para tornar a informação atual e atuante, baseando-se, assim, do Princípio de Relevância.

Para finalizar, Bell (1991:198), citado por Frade (2005), considera que os textos jornalísticos, em especial “a notícia é apropriada para se analisar como o tempo é expresso linguisticamente”, pois, para o autor, o jornalista tenta estabelecer o contexto, a cena em questão, sem divergir do movimento da história.

4.2. Apresentação dos dados do Português Angolano

O *corpus* foi recolhido em dois jornais (*Jornal de Angola* e o jornal *O País*) e em um semanário (*Semanário Angolense*) entre 2012 e parte de 2013 apresentando um total de 2913 palavras, das quais 407 são verbos. Contabilizámos as ocorrências do Presente e de outros tempos com os quais se correlaciona, assim como o Presente Progressivo por apresentar um número elevado de ocorrências, no *corpus* recolhido do Português Angolano, e por admitir uma leitura de “Presente real”.

O *corpus* constituído caracteriza-se por frases complexas com uma ou mais orações completivas de verbo. Assim, destacam-se as ocorrências dos tempos verbais nos verbos introdutórios, o Pretérito Perfeito com 70.3%; o Presente com 25%; o Infinitivo¹⁶ com

1.5%; o Particípio com 1.5%; o Gerúndio com 1% e, finalmente, o Futuro com 0.7%, como ilustra o gráfico I:

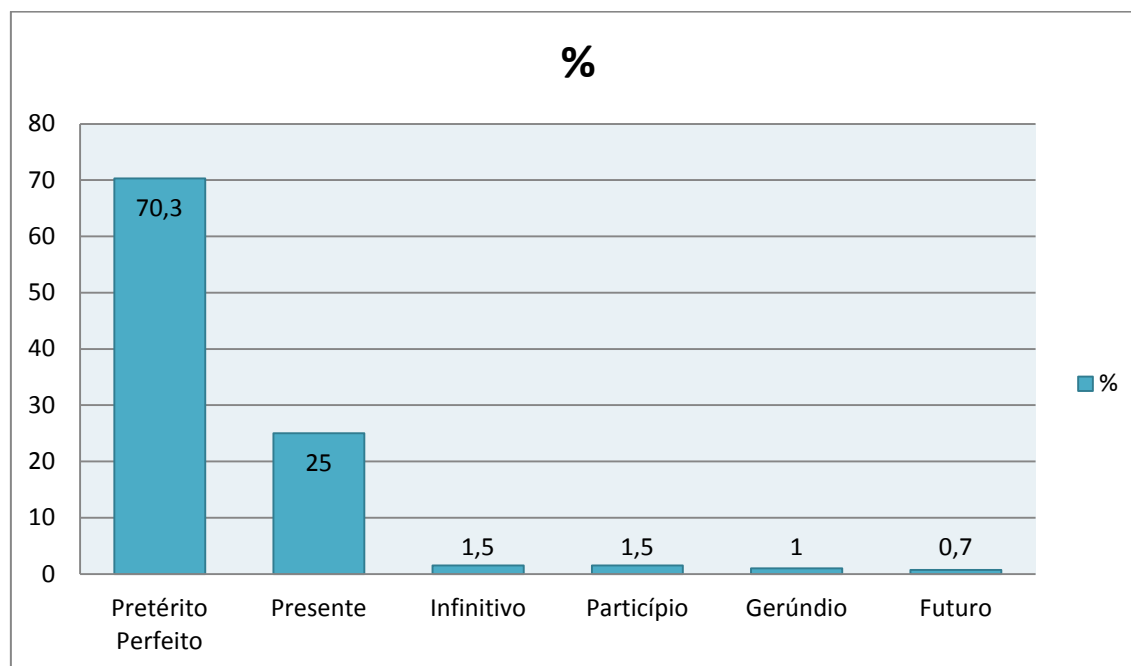


Gráfico I. Ocorrências dos tempos verbais nos verbos introdutores.

Em conformidade com o gráfico I, 70.3% dos verbos introdutores ocorrem no Pretérito Perfeito, que é um tempo do passado e sempre terminativo. Dadas as características do texto jornalístico, é aceitável que tenhamos esta percentagem nos verbos introdutores.

No entanto, temos 25% de ocorrências do Presente nesta posição, o que nos leva a questionar se realmente se trata de um presente ou não, tendo em conta a natureza do texto em análise.

Por outro lado, na distribuição dos tempos verbais da oração subordinada, os dados revelam as ocorrências do Presente com 74.2%; Presente Progressivo com 11%; Pretérito Perfeito com 4.6%; Futuro com 3.1%; Conjuntivo e Infinitivo com 3.1% respetivamente, como ilustra o gráfico II.

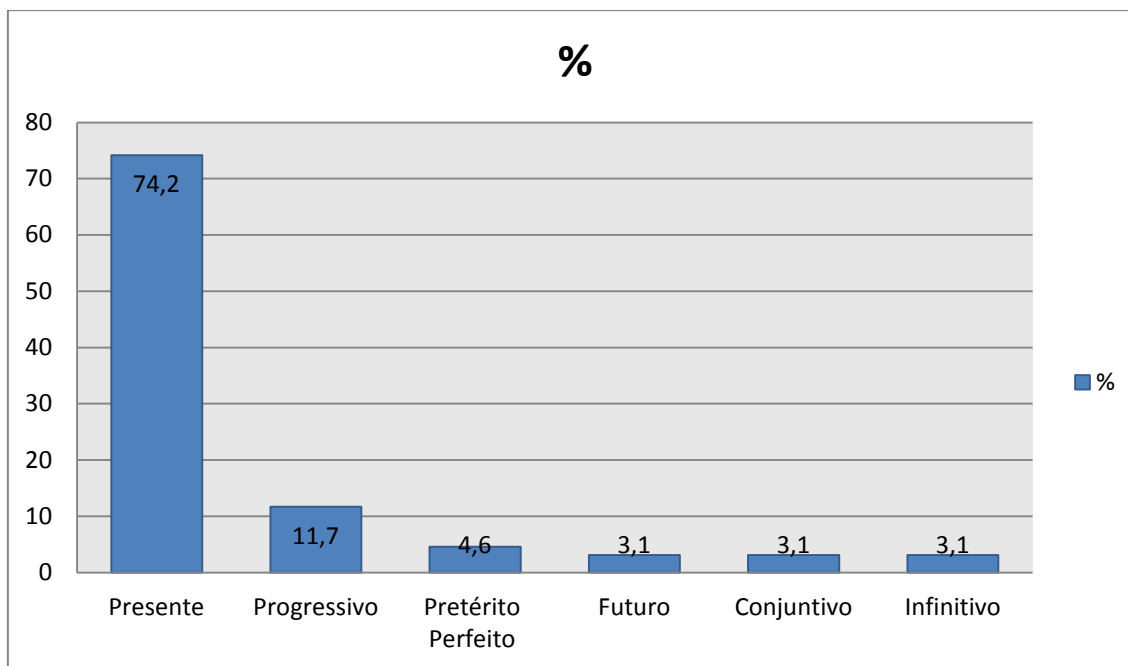


Gráfico II. Ocorrências dos tempos verbais nos verbos das orações subordinadas.

Como se pode ver, o gráfico II apresenta uma percentagem muito elevada de ocorrências do Presente, o que nos leva a pensar que estamos perante frases casos com casos não canônicos de concordância de tempos (cf. Carrasco Gutiérrez (1999:3087)) tendo em conta que o gráfico I apresenta uma percentagem elevada do Pretérito Perfeito na posição dos verbos introdutores. A hipótese de as construções em análise não corresponderem a usos canônicos de concordância de tempos motivou-nos a apresentar um quadro de ocorrências em que se pode observar, com maior precisão, a correlação dos tempos nas frases em análise.

Verbo introdutor	Verbos da oração subordinada					
	Pr.	PP	Fut.	Cj.	Inf.	Prog.
Pretérito Perfeito (90)	72	3	3	-	-	12
Presente (32)	18	2	1	4	4	3
Futuro (1)	1	-	-	-	-	-
Infinitivo (2)	1	1	-	-	-	-
Particípio (1)	2	-	-	-	-	-
Gerúndio (1)	1	-	-	-	-	-

Quadro XIV. Correlação dos tempos nas frases em análise.

Podemos constatar que em 90 ocorrências do Pretérito Perfeito como tempo dos verbos introdutores, 72 ocorrências correlacionam-se com o Presente. A observação dos dados do *corpus* recolhido do Português Angolano indica-nos um número elevado de ocorrências de frases subordinadas com uma interpretação de duplo acesso. Conforme a literatura, a correlação de um Pretérito Perfeito como tempo do verbo introdutor e um Presente na oração subordinada induz uma interpretação de duplo acesso. (cf. Carrasco Gutiérrez 1999).

Por outro lado, observámos que nos verbos introdutores há 25% de ocorrências do Presente. Este facto leva-nos a considerar que, na sequência de Silvano (2002), estamos na presença do Presente como um Pré-Presente, tendo em conta que as situações narradas são eventos que ocorrem antes do momento de enunciação do relato.

Na sequência da nossa análise, não podemos deixar de realçar que o elevado número de ocorrências do Presente nas orações subordinadas, com uma representação de 74.2%, dá indícios de que podemos estar também perante uma leitura de Presente habitual, na medida em que o Presente com Eventos induz, geralmente, uma leitura de estado habitual e só com os Estados é que se tem uma leitura de “presente real”. Por outro lado, também percebemos que o Presente pode ter a interpretação de uma situação que vai ocorrer depois do momento de enunciação.

Finalmente, temos a ocorrência do Presente Progressivo também com uma percentagem considerável de ocorrências (11%), sobretudo nas orações subordinadas.

4.3. Apresentação dos dados do Português Europeu

O *corpus* do Português Europeu foi constituído a partir de *corpora* do Português, especificamente do Cetempúblico por ter como base textos jornalísticos. Apesar de o *corpus* mencionado ser muito mais extenso, procurou-se seleccionar um conjunto de dados com extensão semelhante ao *corpus* recolhido para o Português Angolano. Deste modo, o material seleccionado apresenta um total de 2918 palavras das quais 485 são verbos. Assim, destacam-se as ocorrências dos tempos verbais nos verbos introdutores: Presente com 57.1%; Pretérito Perfeito com 35.7%; Imperfeito com 1.2%; Gerúndio com 1.9%; Infinitivo com 1.9%; o Futuro com 1.2% e, finalmente, o Pretérito mais que Perfeito com 0.6%, como ilustra o gráfico III:

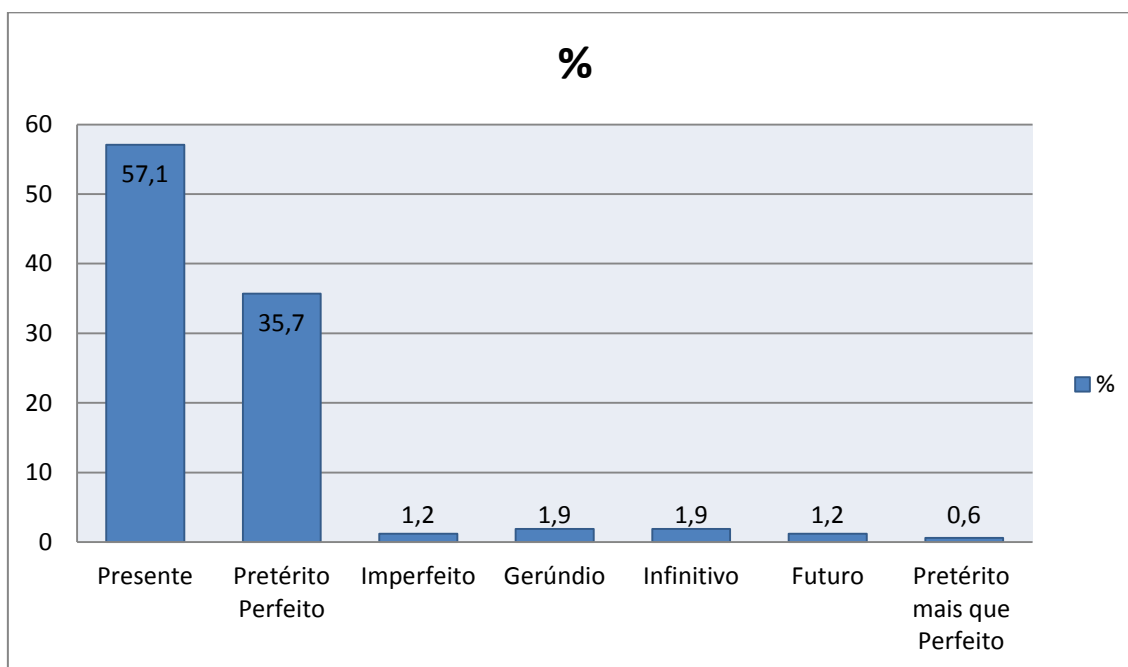


Gráfico III. Ocorrência dos tempos verbais nos verbos introdutores.

Em função do que observamos nos dados do gráfico III, o Presente ocorre com uma percentagem elevada nos verbos introdutores em relação ao Pretérito Perfeito, o que indica que podemos ter um elevado número de frases com interpretação de Pré-Presente.

Por outro lado, na distribuição dos tempos verbais da oração subordinada, os dados revelam as ocorrências do Presente com 69.4%; Pretérito Perfeito com 9%; Futuro com 7.1%; Conjuntivo com 5.1%; Infinitivo e Imperfeito com 3.2%, Pretérito Perfeito Composto com 1.9% e, finalmente o Presente Progressivo com 0.6 %; como ilustra o gráfico IV.

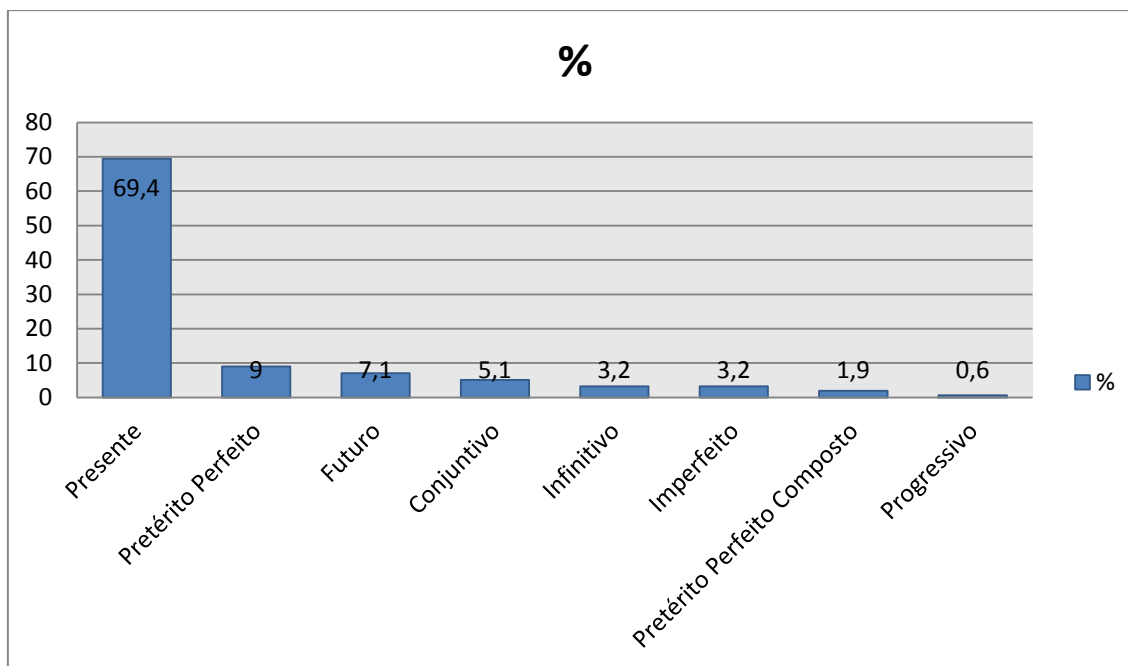


Gráfico IV. Ocorrência dos tempos verbais nos verbos das orações subordinadas.

O gráfico IV apresenta uma percentagem muito elevada de ocorrências do Presente nos verbos das orações subordinadas. A observação dos dados indica que podemos estar diante de frases com interpretação de Presente habitual, se tivermos em conta que o verbo introdutor destas frases se encontra também no tempo Presente, ou então uma interpretação de duplo acesso. Apresentamos o quadro XV para ilustrar a correlação dos tempos na frase.

Tempos Verbais Introdutores	Tempos dos verbos da oração subordinada							
	Pr	PP	Fut.	Imp.	Cj.	Inf.	PPC	Prg.
Presente (88)	59	11	5	3	5	2	2	1
P.Perfeito (55)	38	2	6	2	3	3	1	-
Imperfeito (2)	2	-	-	-	-	-	-	-
Futuro (2)	2	-	-	-	-	-	-	-
P+q.Perfeito (1)	1	-	-	-	-	-	-	-
Infinitivo (3)	2	1	-	-	-	-	-	-
Gerúndio (3)	3	-	-	-	-	-	-	-

Quadro XV. Correlação dos tempos nas frases em análise.

O *corpus* constituído apresenta um número elevado de ocorrências de frases no Presente que pode ser interpretado como Pré-presente, Duplo acesso ou Presente habitual. Há ainda a salientar que o Presente em algumas frases apresenta a interpretação de uma situação que vai acontecer. (cf.4.1)

Com a apresentação dos dados, podemos concluir que encontrámos no *corpus* constituído, tanto do Português escrito em imprensa angolana como do Português Europeu também escrito em imprensa, uma lista extensa de ocorrências do Presente do Indicativo. Percebemos que o Presente tem a possibilidade de expressar uma eventualidade que já ocorreu, que está a ocorrer ou que vai ocorrer. Ainda nos referidos dados, observámos um elevado número de frases com interpretação de Duplo acesso, Pré-presente e presente habitual. Os exemplos que se seguem refletem os dados apresentados.

(102) Yolanda frisou que estes equipamentos (laboratórios) concedem aos estudantes mais opções no processo de estudo e investigação. .

(http://jornaldeangola.sapo.ao/18/0/ensino_superior_continua_a_crescer-)

(103) Analistas em Macau admitem que um apoio expresso das autoridades chinesas à construção do aeroporto possa ter sido prejudicado pela autorização concedida por Pequim. (Cetempúblico: *par=ext635891-pol-91b-2:*)

(104) Elementos da autoridade dizem que o fazem para elevar o charme
(<http://www.opais.net/pt/opais/?id=1657&det=33443>)

As três frases apresentam leituras diferentes, em (102) pode-se fazer uma interpretação de duplo acesso, em (103) o verbo da frase matriz induz uma interpretação de pré- presente e em (104) remete-nos para uma interpretação de presente habitual.

4.4. Análise dos dados

Encontrámos no *corpus* constituído uma extensa lista de ocorrências do Presente. Compreendemos que, efetivamente, este tempo verbal tem a possibilidade de ser o tempo de base do discurso, coincidindo com o momento de enunciação do relato em algumas situações.

Por outro lado, constatámos que o Presente tem a particularidade de remeter as situações tanto para o passado como para o futuro. Ainda no mesmo *corpus*, verificamos que a ocorrência do tempo Presente na frase matriz e na frase encaixada desencadeia vários tipos

de leituras, sendo as mais predominantes: a interpretação de duplo acesso, o pré-presente e o presente habitual, que serão analisadas neste estudo. Tendo em conta que no *corpus* tivemos também um número considerável de ocorrências do Presente Progressivo dado este admitir uma leitura de “presente real”, também será analisado.

Assim, os elementos selecionados serão analisados com base na teoria temporal bidirecional de Kamp e Reyle (1993) assim como nos pressupostos teóricos de Moens e Steedman (1988) sobre as classes aspetuais, como também utilizaremos algumas propostas de Silvano (2002).

4.4.1. Interpretação de Duplo Acesso

O texto jornalístico, dada a sua especificidade, é rico em frases com interpretação de duplo acesso. De acordo com a literatura (Oliveira (1998), Silvano (2002) e. o.), esta interpretação normalmente é feita em frases complexas sobretudo naquelas em que a frase matriz apresenta os verbos no passado e a frase encaixada no presente ao que acresce a classe aspetual da frase encaixada ser tipicamente um estado.

Normalmente, as frases expressam uma verdade de duração indefinida ou eterna ou referem um acontecimento que o falante considera relevante, verdadeiro ou ainda válido no momento de enunciação. (cf. Carrasco Gutiérrez, 1999). Vejam-se os seguintes exemplos:

(105) Reconhecemos humildemente que as nossas ambições são altas, [...]

(http://jornaldeangola.sapo.ao/18/0/ensino_superior_continua_a_crescer-)

(106) O responsável salientou que o maquinista [...] está na profissão desde antes 2000 (<http://www.opais.net/pt/opais/?id=1550&det=33700>)

(107) Pedro Canga adiantou que a requalificação da aldeia de Caxicane é uma homenagem ao primeiro presidente de Angola.

(http://jornaldeangola.sapo.ao/25/novo_conceito_de_aldeia_rural...)

Nestas frases o Ponto de Perspetiva Temporal (PPT) da situação principal coincide com o momento de enunciação do relato (*n*) e localiza-se antes deste intervalo de tempo e o estado representado pela oração encaixada ocorre num intervalo de tempo (*t*) que abrange o momento de enunciação do relato e o evento da oração principal. Tendo em conta que as

frases encaixadas destes exemplos são estados, que são classes não delimitadas temporalmente, estabelece-se então uma relação de sobreposição. Isto é, os estados *ser altamente qualificado*, *estar na profissão* e *ser uma homenagem* sobrepõem-se, ou melhor dizendo, incluem respetivamente os eventos *reconhecer*, *salientar* e *adiantar* das frases matriz e incluem o momento de enunciação do relato. Vejamos agora outros exemplos do Português Europeu:

(108) Shukri afirmou que a marcha não viola as leis de emergência [...]

(Cetempúblico: *par=ext66823-nd-91a-1*)

(109) O presidente do STTLP acrescentou que, ao contrário do prometido pela empresa,[...] as pressões de adesão continuam. (Cetempúblico: *par=ext421481-soc-95a-2*)

Nestas frases os eventos *afirmar* e *acrescentar* têm como ponto de perspetiva temporal o momento de enunciação e decorrem antes desse intervalo. E as situações ‘violar as leis’ e ‘as pressões continuam’ ocorrem num intervalo de tempo que abrange o momento de enunciação, incluindo os eventos *afirmou* e *acrescentou*.

As frases com interpretação de duplo acesso são muito frequentes no texto jornalístico, no entanto não apresentam uma concordância canónica de tempos. Por outro lado, constatámos que o Ponto de Perspetiva Temporal da situação principal, neste tipo de frases, coincide com o momento de enunciação do relato e o estado representado na oração encaixada ocorre num intervalo de tempo que abrange o momento de enunciação e inclui o evento da frase matriz. As orações encaixadas representam sempre situações estativas, básicas ou derivadas.

4.4.2. Interpretação de Presente habitual

O Presente é um tempo que normalmente localiza uma situação num intervalo de tempo que se sobrepõe ao momento de enunciação, estabelecendo com este uma relação de inclusão. Esta característica temporal do Presente é mais notória quando este ocorre com estados, dado que o Presente com eventos apresenta como leitura preferencial de “estado habitual”. A leitura de habitualidade é dada com base numa ocorrência indeterminada de eventos do mesmo tipo que têm lugar num intervalo de tempo não delimitado, incluindo, no entanto, o momento de enunciação. Consideremos as frases que se seguem:

(110) Dona Minga contou que contactam os novos inclinos da centralidade após receberem as chaves [...] (<http://www.opais.net/pt/opais/?det=33676&id=1657&mid=292>)

(111) Trabalhamos bem durante a semana, 24 horas por dia, sem sobressaltos”, disse. (http://jornaldeangola.sapo.ao/reportagem/artesanato_nas_festas_da_cidade)

(111). a O João disse que trabalham bem durante a semana, 24 horas por dia, sem sobressaltos.

(112) esclareceu que o galardão distingue ‘personalidades angolanas’, (<http://www.opais.net/pt/opais/?det=33686&id=1551&mid=>)

(113) O primeiro-ministro assegurou ontem que o seu Governo defende o «rigor económico» mas «com consciência social». (Cetempúblico *par=ext97184-pol-95b-3*;))

Os verbos “*contactar*”, “*distinguir*” “*trabalhar*” e “*defender*” no Presente não marcam um evento localizado temporalmente, mas sim uma situação estativa. Deste modo, a frase em (110) pode ser parafraseada da seguinte maneira “*Dona Minga contou que contactam habitualmente...*”. Neste caso, o Presente é usado para descrever uma situação habitual. Porém, não deixa de se fazer uma referência ao momento de enunciação que é o PPT do evento “*contar*”. Neste sentido, parece que estamos numa construção de duplo acesso, mas construída com estado habitual, que é um estado derivado.

Por outro lado, as frases com interpretação de presente habitual admitem na sua composição adverbiais temporais como é o caso da frase em (111. a) parafraseada do relato da frase em (111) em que ocorrem os adverbiais “*durante a semana*” e a duração “*24 horas por dia*”. No entanto, estes adverbiais servem apenas para delimitar um determinado período em que a situação tem lugar, dando lugar a uma repetição. De forma semelhante ao que acontece em (112) e (113) a relação entre o estado habitual e os eventos “*esclarecer*” e “*assegurar*” representam uma relação de duplo acesso, embora não seja uma relação canónica (cf.4.4.1).

Em suma, verificámos que o Presente, sobretudo nas frases encaixadas e quando ocorre com eventos, não passa uma informação temporal, mas sim uma leitura de habitualidade, embora fazendo referência ao momento de enunciação. Também conferimos que as frases que apresentam esta leitura admitem adverbiais temporais. Para além disso, existe uma relação de duplo acesso, mas construída com estado habitual que é derivado.

4.4.3. Interpretação de Pré-presente

Verifica-se interpretação de Pré-presente quando, num relato, o verbo da oração matriz se encontra no Presente, contrariamente ao registo mais comum de utilizar um tempo do passado. Vejam-se os seguintes exemplos do *corpus*:

(114) Lucas Ngonda diz que é o líder legal e consequentemente será o cabeça-de-lista da FNLA, (SA:2.6.12, “*Segue a “barraca” na FNLA*”, Edição 468, Ano VII, p.6)

(115) Amaral Gomes [...] sublinha que o alto custo das casas é cada vez mais desacompanhado de qualidade de construção (Cetempúblico: *par=ext1477918-soc-92a-1*:)

Nas frases (114) e (115) o evento *dizer* e *sublinhar* têm como Ponto de Perspetiva Temporal o momento de enunciação do relato e localizam-se antes desse intervalo de tempo. Nestes casos, o Presente comporta-se em termos de relações temporais como um Pretérito Perfeito. Deste modo, podem ser parafraseadas da seguinte maneira:

(114) a. Lucas Ngonda disse que é o líder legal e consequentemente será o cabeça-de-lista da FNLA, (SA:2.6.12, “*Segue a “barraca” na FNLA*”, Edição 468, Ano VII, p.6)

(115) a. Amaral Gomes [...] sublinhou que o alto custo das casas é cada vez mais desacompanhado de qualidade de construção (Cetempúblico: *par=ext1477918-soc-92a-1*:)

Porém, a mudança de tempo que ocorreu nas frases em (114).a e (115).a cancela automaticamente a interpretação de Pré-presente e, por conseguinte, passam a ter uma interpretação de duplo acesso, tanto mais que em cada uma das frases encaixadas temos estados.

Por outro lado, quando o Presente descreve um evento que ocorreu no passado, mas com validade presente, normalmente revela-se incompatível com adverbiais que especificam uma situação também passada. Consideremos as frases que se seguem:

(114) b. Lucas Ngonda *diz* **ontem* que é o líder legal e consequentemente será o cabeça-de-lista da FNLA. (SA:2.6.12, “*Segue a “barraca” na FNLA*”, Edição 468, Ano VII, p.6)

(115) b. Amaral Gomes [...] *sublinha* **ontem* que o alto custo das casas é cada vez mais desacompanhado de qualidade de construção.

(Cetempúblico:par=ext1477918-soc-92a-1:)

Como podemos verificar, as frases (114.b) e (115.b) são anómalas visto que os verbos *dizer* e *sublinhar* estão modificados pelo advérbio *ontem*, localizando a situação num intervalo anterior ao momento de enunciação que, por sua vez, não coincide com os eventos *disse* e *sublinha*.

A interpretação de Pré-Presente ocorre em percentagem bastante elevada no *corpus* do Português Europeu em relação ao *corpus* do Português Angolano. Constatámos que nestas frases o Presente pode ser, em termos de localização temporal, interpretado como um Pretérito Perfeito. Todavia, verificámos que, apesar do tempo verbal da frase matriz poder ter a interpretação de um tempo no pretérito, estas frases não admitem adverbiais que especifiquem uma situação passada.

4.4.3.1. Alguns casos com mais de uma leitura

Ao analisar os dados, constatámos que há exemplos em que o verbo introdutor no Presente pode ter duas leituras. Consideremos os seguintes exemplos:

(116) ...mas Pedro Figueiredo reconhece que repete expressões como «atuação irrepreensível», «impecável» ou «belo remate» (Cetempúblico par=ext928760-nd-95a-1:)

(117) A população [...] diz que a corporação faz muito pouco para conter a situação, (SA15.6.13, *Adaptação policial precisa-se*, 519, Ano VII, p.7).

Os verbos da oração matriz *reconhecer* e *dizer* encontram-se no Presente bem como os verbos das orações encaixadas *repetir* e *fazer*.

Numa primeira leitura, tanto num caso como no outro o verbo introdutor tem uma leitura de Pré-Presente e a frase encaixada tem uma leitura de presente habitual.

Numa segunda leitura, as frases encaixadas mantêm a leitura de habitualidade, mas as frases matriz podem ter também uma leitura de estado habitual, na medida em que é

possível parafrasear por “...*mas Pedro reconhece habitualmente que...*” ou “*a população diz habitualmente que....*”. No entanto, esta possibilidade está sujeita a algumas restrições por um lado, as classes aspetuais básicas devem ser eventos e a combinação de tempos também é limitada. No primeiro caso, se tivermos um estado, esta possibilidade desaparece. Veja-se o exemplo *Marcelo sabe que um dia destes se vai embora ...* No segundo caso, o Presente da frase matriz terá de se combinar com o Pretérito Perfeito ou com o Imperfeito na frase encaixada, como ilustram os exemplos:

(116) a ... mas Pedro Figueiredo reconhece que *repetia* expressões como «actuação irrepreensível», «impecável» ou «belo remate» (Cetempúblico *par=ext928760-nd-95a-1:*)

b. ... mas Pedro Figueiredo reconhece que *repetiu* expressões como «actuação irrepreensível», «impecável» ou «belo remate» (Cetempúblico *par=ext928760-nd-95a-1:*)

Comparando as versões (116a) e (116 b), a versão (116.a) aceita as duas leituras, mas a versão (116.b) só admite uma leitura: a de Pré-Presente para a frase matriz. Pensamos, assim, que a leitura de Presente habitual nas frases matriz dos exemplos (116 e 117) está dependente da possibilidade da leitura habitual da frase encaixada e por isso é que só podem ocorrer no Presente ou no Imperfeito na medida em que estes tempos podem transformar eventos em estados habituais.

Sumariando, podemos dizer que, comparando os dois pequenos *corpora*, se observa uma preferência no *corpus* do Português Europeu pelo Pré-Presente e no *corpus* do Português angolano pelo Duplo Acesso. No entanto, no *corpus* do português angolano também aparecem alguns casos de Pré-presente, sobretudo com o verbo *dizer* mas em completivas não finitas¹⁷, como, por exemplo, “*Algumas cambistas informais dizem sentir*. Para além de termos verificado, embora em percentagens diferentes, a ocorrência de construções de Duplo Acesso, Presente habitual e Pré-Presente, concluimos que também podem surgir casos em que o Presente tem duas leituras possíveis no mesmo exemplo. Para além disso verificámos ainda que, nos casos de Duplo Acesso, é possível a sua ocorrência nas construções descritas na literatura, mas também quando obtemos um estado habitual, que é um estado derivado.

4.4.4. O Presente Progressivo

As formas progressivas são realizadas através de a construção *estar a* + infinitivo no português europeu, ou *estar* + gerúndio no português brasileiro. O progressivo tendencialmente transforma eventos em estados progressivos e em particular, no Presente, têm a interpretação de “presente no momento” como a mais frequente e “natural”. (cf. Cunha (1998c)).

Ora, no *corpus* constituído do Português Angolano, o Presente Progressivo ocorre nas orações encaixadas com uma percentagem de 11.7% por cento e no *corpus* selecionado do Português Europeu ocorre numa percentagem de 0.6%.

Vejam-se os seguintes exemplos

(118) Joaquim David adiantou que o país está a acompanhar o que de melhor existe no mundo. (http://jornaldeangola.sapo.ao/15/0/ministro_anuncia_prioridades_da...)

(119) Paulo Cascão explicou que o processo de reabertura a entrega de apartamentos no Kilamba “está a ser calmo, tranquilo e com disciplina dos clientes. (<http://www.opais.net/pt/opais/?det=33676&id=1657&mid=292>)

Os eventos “*adiantar*” e “*explicar*” estão no Pretérito Perfeito e têm como Ponto de Perspetiva Temporal o momento de enunciação e localizam-se antes deste intervalo. Nas frases, as situações estativas “*estar a acompanhar*” e “*estar a ser calmo...*” representam situações em curso e podem também apresentar uma interpretação de duplo acesso.

Por outro lado, se associarmos a uma frase no Presente Progressivo os advérbios “agora” ou “neste momento” ela passará a ter uma leitura de “presente real”. Consideremos os exemplos que se seguem:

(120) José Silva referiu que o Ministério da Habitação está a ser pressionado para a venda, porque está a criar encargos aos Governos Provinciais.
(http://jornaldeangola.sapo.ao/reportagem/gestao_territorial_e_base_do_sucesso...)

(121) Recentemente, José Luís Vaz considerou que «são as empresas do concelho que estão a pagar a dívida» (Cetempúblico *par=ext29403-soc-97a-1*;))

Na frase em (120) o evento “*referir*” tem como Ponto de Perspetiva Temporal o momento de enunciação e localiza-se antes deste intervalo de tempo. O estado “*está a ser pressionado*” sobrepõe-se ao momento de enunciação do relato, mas também ao tempo de “*referir*”. Esta frase admite uma leitura de “presente real” se lhe associarmos o adverbial “*neste momento*”. Assim, podemos parafrasear por “*Neste momento o ministério da habitação está a ser pressionado*”. Vejam-se outros exemplos:

(122) Penso que é prematuro estar a discutir essa questão. (Cetempúblico *par=ext449294-pol-92b-1*.)

(123) Eurico Feliciano disse ainda que o Projecto Volei Blu nas escolas está a ser coordenado pelos treinadores da equipa Fontes do Bastardo

(http://jornaldeangola.sapo.ao/reportagem/escola_de_viana_relancam_o_voleibol)

O *corpus* constituído, apesar de ser uma amostra ínfima, permite perceber que, nos textos jornalísticos, o Presente Progressivo apresenta as situações como processos em curso. Por outro lado, se introduzirmos os adverbiais *agora* ou *neste momento* obter-se-á uma leitura de presente real. Por outro lado, também podem apresentar uma interpretação de duplo acesso.

Alguns casos especiais

Encontrámos no *corpus* frases com as mesmas sequências temporais (Pretérito Perfeito-Presente), (Presente – Pretérito Perfeito) e (Presente-Presente), porém com interpretações diferentes daquelas que abordámos na nossa análise anterior.

(124) ...a procuradora[...]garante que a instituição pretende responsabilizar infratores[...] pelo crime de violação do segredo profissional.

(http://jornaldeangola.sapo.ao/entrevista/cplp_reforca_medidas_contra_crime_organizado)

(125) Astier Dumas afirma que nos países desenvolvidos, os alimentos de origem animal não são a principal fonte de gordura alimentar. (Cetempúblico *par=ext480620-clt-97a-2*)

Em (124) o verbo da frase matriz e o da frase encaixada encontram-se no Presente. Analisamos esta frase como um caso especial pelo facto de termos mencionado que os

verbos introdutórios com interpretação de Pré-Presente poderem ser interpretados temporalmente como um Pretérito Perfeito, e, a ser assim, a frase passaria a ter uma interpretação de Duplo Acesso. No entanto, esta frase não poderá ser interpretada como tal, devido à natureza lexical do verbo *pretender* na medida em que este dá indicação de posterioridade. Logo, a situação estativa *pretender responsabilizar* localiza-se num intervalo posterior ao momento de enunciação do relato.

(126) «...já Fernando Pereira considera que «Cavaco Silva não tem obrigações
nenhumas para com o partido; ...» (Cetempúblico *par=ext911446-pol-95b-1:*)

(127) Prusinkiewicz acredita que os «modelos informáticos não precisam de
reproduzir a realidade de modo muito realista» (Cetempúblico *par=ext565412-clt-soc-95b-1:*)

(128) Penso que a maior conquista é precisamente a assistência mútua legal que
reside no protocolo.

(http://jornaldeangola.sapo.ao/entrevista/cplp_reforca_medidas_contra_crime_organizado)

Em (126), (127) e (128), devido à natureza semântica dos verbos “*considerar*”, “*acreditar*” e “*pensar*”, não temos uma interpretação de Pré-presente, visto que o Presente descreve um estado que abrange o momento de enunciação do relato e as situações estativas das orações encaixadas, “*não ter obrigações*”; “*não precisar de*” e “*ser precisamente a assistência*” sobrepõem-se a estes estados. Vejamos outro exemplo.

(129) A experiência da China ensina que nos regimes ditatoriais a prosperidade
económica estatal perpetua a estrutura do aparelho político repressivo e afasta
qualquer tentativa de mudanças democráticas profundas. (Cetempúblico
par=ext1274409-pol-96a-1)

Na frase (129) verificamos uma sequência de situações estativas que se sobrepõem ao evento “*ensina*” e por outro lado, se sobrepõem uma à outra.

SÍNTESE

Neste capítulo, apresentámos de forma sucinta algumas características do texto jornalístico uma vez que os dados recolhidos e utilizados foram retirados da imprensa escrita. Seguidamente apresentámos os dados do português escrito em Angola e do Português Europeu (também escrito) e, finalmente, fizemos a análise dos dados.

Os textos jornalísticos têm como principal propósito comunicativo “informar” e para tal recorrem ao uso do Presente para tornar a informação atual e atuante baseando-se no Princípio de Relevância.

Com a apresentação dos dados, concluímos que os *corpora* apresentam um elevado número de frases com casos não canónicos de concordância de tempos com interpretação de duplo acesso (*corpus* do Português Angolano); Pré-presente (*corpus* do Português Europeu) e Presente habitual para os dois casos.

Em função dos dados, seleccionámos os últimos elementos para análise nesse trabalho apoiando-nos na proposta teórica bidirecional de Kamp e Reyle (1993), de Moens e Steedman (1988) sobre as classes aspetuais, assim como também algumas propostas de Silvano (2002).

Deste modo, na análise constatámos que o ponto de perspetiva temporal, nas frases com interpretação de Duplo Acesso coincide com o momento de enunciação do relato e o estado representado na oração encaixada ocorre num intervalo de tempo que abrange o momento de enunciação e inclui o evento da frase matriz.

Nas frases com interpretação de Presente habitual, o Presente nas frases encaixadas não passa uma informação temporal, mas sim uma leitura de habitualidade, embora fazendo referência ao momento de enunciação. Também conferimos que as frases que apresentam esta leitura admitem adverbiais temporais. Para além disso, existe a possibilidade de uma relação de Duplo Acesso, mas construída com um estado habitual que é derivado, o que nos leva a pensar que um aspeto relevante nestas construções é haver um estado, independentemente de ser básico, como são normalmente nos exemplos apresentados, ou ser derivado.

Quanto à interpretação de Pré-presente (cf. Silvano (2002)) constatámos que nestas frases o Presente pode ser temporalmente interpretado como um Pretérito Perfeito. No entanto,

verificámos que apesar de o tempo verbal da frase matriz poder ter a interpretação de um tempo no pretérito, estas frases não admitem adverbiais que especifiquem uma situação passada. Por outro lado, as situações representadas na frase matriz têm como Ponto de Perspetiva Temporal o momento de enunciação do relato e localizam – se antes desse intervalo.

Também verificámos que, embora em percentagens pequenas, nas construções de Duplo Acesso, Presente habitual e Pré-Presente também podem ocorrer casos em que o Presente tem duas leituras possíveis no mesmo exemplo. Para além disso, verificámos ainda que, nos casos de Duplo Acesso, é possível a sua ocorrência nas construções descritas na literatura, mas também quando obtemos um estado habitual, que é um estado derivado.

Quanto ao Presente Progressivo nos textos jornalísticos apresenta as situações como processos em curso. Além disso, nestas construções, podemos ter uma interpretação de duplo acesso. Também se introduzirmos os adverbiais *agora* ou *neste momento* se obtém uma leitura de presente real.

Notas

16. Não fizemos a distinção de formas do infinitivo, do Futuro e do Conjuntivo.

17. Não foram abordadas neste trabalho por se apresentarem num número bastante reduzido.

CONCLUSÃO

O objetivo central do presente trabalho foi o de estudar a semântica do Presente do Indicativo nos textos de imprensa escrita no Português Europeu e no Português Angolano, com a finalidade de verificar os tipos de leituras mais frequentes nesta natureza de texto. Selecionámos o Presente do Indicativo devido à sua diversidade de usos e leituras e por ser o tempo de base do discurso mais recorrente nos textos jornalísticos.

Para realizar esse estudo, o *corpus* do Português Angolano foi recolhido em jornais *online*, nomeadamente o *Jornal de Angola* e o jornal *O País* e, também, no *Semanário Angolense*, no período entre 2012 e parte de 2013. Recorremos a esse procedimento pelo simples facto de não existirem *corpora* do Português Angolano. Quanto ao Português Europeu, consultámos a base de dados do Cetempúblico. Na verdade, a utilização de dados de um *corpus* europeu e outro angolano teve como objetivo tentar verificar se haveria diferenças entre as duas variedades em relação ao uso e leituras que ostenta o Presente do Indicativo nos textos de imprensa escrita.

Assim, na organização dos dados, primeiramente recolhemos todo o tipo de frases em que ocorria o Presente do Indicativo e posteriormente constituímos o *corpus* com apenas frases completivas finitas devido ao número elevado de ocorrências.

Dado que o trabalho se centra num tempo verbal, o estudo fundamentou-se em propostas teóricas sobre o Tempo de Reichenbach (1947), Comrie (1985) e Kamp e Reyle (1993), que serviram para compreender como foram abordadas as questões temporais nas línguas ao longo do tempo e apreender os conceitos relacionados com a temporalidade.

Fizemos também uma revisão das teorias sobre Aspeto, pois, apesar de ser uma categoria semântica distinta com um funcionamento próprio e perfeitamente autónomo, existe uma certa interdependência entre o Tempo e o Aspeto. Para tal, destacámos as propostas teóricas de Moens (1987), Moens e Steedman (1988), Cunha (1998) e Oliveira (2003), que nos proporcionaram uma visão geral sobre as classes aspetuais de predicação básica e suas propriedades. Para além destas propostas teóricas, apoiámo-nos também noutras análises já existentes como a de Silvano (2002), que trabalha a sequência de tempos em frases completivas.

Assim, o *corpus* constituído foi analisado com base na teoria temporal bidirecional de Kamp e Reyle (1993) e nos pressupostos teóricos de Moens (1987), Moens e Steedman (1988) sobre as classes aspetuais; também utilizámos algumas propostas de Silvano (2002). Antes de apresentarmos os resultados do estudo realizado sobre a semântica do Presente do Indicativo explicitámos algumas questões que orientaram o trabalho realizado:

- Qual é o comportamento semântico do Presente do Indicativo quando ocorre com as diferentes classes aspetuais de predicções básicas?
- Que tipos de interpretação o Presente do Indicativo revela no contexto de textos jornalísticos e que implicações linguísticas daí advêm?
- O Presente do Indicativo pode ocorrer associado ao verbo da frase matriz ou ao da frase encaixada: o seu posicionamento influencia a interpretação? Como são localizadas temporalmente estas construções?

Partindo destes questionamentos procurámos no decorrer deste trabalho responder a essas perguntas. Sendo assim, no primeiro capítulo fizemos uma breve revisão sobre o tempo à luz das propostas teóricas já mencionadas e de outros trabalhos existentes, abordando questões de carácter geral relacionadas com a temporalidade.

No segundo capítulo, apresentámos questões que fossem fundamentais para o estudo da semântica do Presente, ou melhor, assuntos que nos fizessem entender subsequentemente o comportamento semântico do Presente, tendo em conta as classes aspetuais de predicação básica e não só, analisando assim várias abordagens de diferentes autores. Assim, verificámos que é necessário separar as situações que descrevem Estados daquelas que descrevem Eventos e concluímos que para uma leitura aspetual adequada é necessário que se tenham em conta os diversos fatores linguísticos, nomeadamente: morfológicos, sintáticos e semânticos.

No terceiro capítulo, apresentámos um quadro geral sobre o Presente do Indicativo, partindo da descrição feita por uma gramática tradicional e uma contemporânea do Português e verificámos que o Presente é tipicamente o tempo que localiza uma situação num intervalo de tempo que se sobrepõe ao momento de enunciação, estabelecendo com este uma relação de sobreposição/inclusão e pode apresentar uma leitura temporal e aspetual. Entretanto, quando ocorre com Eventos fornece tipicamente uma leitura de habitualidade e quando ocorre com Estados, fornece uma leitura de presente real.

Finalmente, a análise dos *corpora* revelou que o Presente é o tempo preferencial nos textos de imprensa escrita. É de destacar que são textos muito ricos em frases complexas completivas, porém com uma concordância temporal não canónica.

Nos dados analisados, verificou-se que as leituras mais frequentes são as de Duplo Acesso, Pré-presente e Presente habitual, o que está, por certo, associado a características dos textos jornalísticos.

Assim, o Presente, quando ocorre na frase matriz, pode fornecer uma interpretação de Pré-presente. Em termos de localização temporal, parece ser interpretado como um Pretérito Perfeito, no entanto não admite um adverbial que dê informação de passado. Quando ocorre na oração encaixada, pode ter interpretação de presente habitual ou de duplo acesso.

Por outro lado, verificámos que o Presente pode ter duas leituras possíveis na mesma frase: Pré-presente e Presente habitual, (cf.116). Para além disso, verificámos ainda que, nos casos de Duplo Acesso, é possível a sua ocorrência nas construções descritas na literatura, mas também quando obtemos um estado habitual, que é um estado derivado.

A análise dos dois pequenos *corpora* revelou ainda que nas construções de Duplo Acesso o Ponto de Perspetiva Temporal coincide sempre com o momento de enunciação do relato e o estado representado na oração encaixada ocorre num intervalo de tempo que abrange o momento de enunciação e incluem o evento da frase matriz. Nas construções de Presente Habitual não se verifica leitura temporal, embora incluam tipicamente o momento de enunciação. Nas construções de Pré-presente as situações representadas na frase matriz têm como Ponto de Perspetiva Temporal o momento de enunciação e localizam – se antes desse intervalo.

Para finalizar, o *corpus* do Português Europeu apresenta uma certa tendência para construções de Pré-presente, ao passo que no *corpus* do Português Angolano são mais representativas as construções de Duplo Acesso.

A complexidade do tema foi um grande desafio, primeiro porque o Presente é um tempo multifacetado e ocorre em muitas construções linguísticas, o que tornou difícil delimitar o âmbito de estudo. Uma outra questão é o facto de o Português Angolano não ter uma base de dados nem bibliografia com estudos relacionados, o que tornou ainda mais complexo o desafio de estudar a semântica do Presente do Indicativo. Porém, apesar de só termos

analisado uma pequena amostra, este trabalho serviu para observar que existem muitas semelhanças entre as duas variedades.

Como em qualquer estudo, as conclusões são provisórias, porém espero ter contribuído de alguma forma para que outras investigações possam continuar a desenvolver a semântica do Presente do Indicativo.

Muito ficou por dizer. Cremos que seria importante um desenvolvimento mais aprofundado do estudo do Presente com um *corpus* mais alargado, no sentido de poder confirmar ou não as conclusões a que chegamos. Seria também muito interessante introduzir o Presente do Conjuntivo e ver em que medida este tempo é realmente Presente. Pensamos ainda que o estudo de outras sequências de tempos em textos jornalísticos e a análise da sua eventual contribuição para a caracterização destes textos teria a maior relevância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Binnick, R. (1991) *Time and the verb. A guide to Tense and Aspect*. Oxford, Oxford University Press.
- Binnick, R. (2012) *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*, Oxford.
- Bell, A. (1991) *The Language of News Media*. Oxford: Blackwell.
- Benveniste, E. (1965) “El lenguaje y la experiencia humana”, in *Problemas del lenguaje*, Buenos Aires, Sudamericana, p. 3-12.
- Bosque, I e Demonte, V (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*, V. II, Madrid, Espasa Calpe.
- Carrasco Gutiérrez, A. (1999) “El tiempo verbal y la sintaxis oracional. La consecutio temporum”. In Bosque, I e Demonte, (orgs.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, V. II, Madrid, Espasa Calpe, p. 3063-3128.
- Comrie, B. (1985) *Tense*, Cambridge University Press.
- Cunha, L. F. (1998a) “Breve Análise Semântica de alguns Operadores Aspectuais do Português”. In *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 447-462. Aveiro: APL.
- Cunha, L. F. (1998b) *As construções com o progressivo no Português: uma abordagem semântica*. Dissertação de mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. (1998c) “Breve análise semântica do progressivo”. In *Cadernos de Linguística* nº4, Porto, CLUP.
- Cunha, L. F. (2004) *Semântica das predicções Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*, Dissertação de Doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. (2006) “Frequência vs Habitualidade: distinções e convergências”. In *Actas del XXXV Simposio Internacional de la sociedad Española de Lingüística*. León: SEL, p. 333-357. Disponível on-line em <http://wwwz.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas/Cunha.pdf>.
- Cunha, L. F. (2007) “Algumas propriedades semânticas da classe aspectual dos pontos”. In *Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Revel*, Ano 5, nº 8, p. 1-25.
- Cunha, L.F. e P. Silvano (2008) “Algumas evidências em favor da existência de temporalidade no Infinito Simples”. In Frota, S. e A. L. Santos (Orgs). *Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Colibri, p. 179-191.
- Duarte, I. (2003) “Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras”. In Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, p. 277-321.

- Dowty, D. (1979) *Word Meaning and Montague Grammar: the Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ*. Dordrecht: Reidel.
- Frade, C. (2008) *O Present Perfect no discurso jornalístico na mídia digital*, Tese de Doutorado, PUC-SP, São Paulo.
- Gosselin, L. (1996) *Sémantique de la temporalité en français*, Louvain-la-Neuve, Duculot.
- Guillaume, G. (1990) *Leçons de linguistique*, Vol. 10, R. Valin, W. Hirtle, e A. Joly, (eds) Quebec: Presses de l'Université Laval, Lille: Presses Universitaires.
- Hewson, J. (2012) "Tense", in Binnick, R. (ed.) *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*, Oxford University Press, p. 507-535.
- Kamp, H. e U. Reyle (1993) *From discourse to logic: Introduction to model theoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- Kamp, H. e Rohrer (1983) "Tense in texts". In R. Bauerle, C. Schwarze e A. Von Stechow (eds.) *Meaning, Use and Interpretation of Language*, Berlin, Walter de Gruyter: 250-269.
- Kauffmann, C. (2005) *O corpus do jornal: variação linguística, gêneros e dimensões da imprensa diária escrita*, dissertação de Mestrado, LAEL, PUC-SP: São Paulo.
- Lopes, A. C. M. (1995) "Para uma análise semântica dos tempos do Presente em Português" *Cadernos de Semântica* nº21. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Lyons, J. (1977) *Semantics*, Cambridge, Cambridge University Press, Vol. 2.
- Maingueneau, D. (1999) *L'Énonciation en linguistique française*, Paris, Hachette.
- Matos, S. (1999) *Adverbiais de tempo em Português Contemporâneo: forma e significação*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mateus, M. H.M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H.; Frota, S.; Oliveira, F.; Vigário e M.; Villalva, A. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Moens, M. (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de Doutorado, Universidade de Edimburgo.
- Moens, M. e M. Steedman (1988) "Temporal Ontology and Temporal Reference". *Computational Linguistics*, 14, p. 15-28.
- Peres, J e Móia, T. (1995) *Áreas críticas da língua portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Nef, F. (1986) *Sémantique de la référence temporelle en français moderne*, Peter Lang, Berna.
- Oliveira, F. (1998) "Algumas questões semânticas acerca da Sequência de tempos em Português". In *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, Porto, XV, p. 421-436.

- Oliveira, F. (2003) “Tempo e Aspeto”. In Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, p. 127-254.
- Oliveira, F. (2003a) “O tempo dos indivíduos”. In *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, Porto, XX, II, p. 523-535.
- Oliveira, F. (2011) “Questões de Aspeto em Português Europeu”. In *Guião do Seminário Temas de Semântica (Curso de Mestrado em Linguística)*.
- Oliveira, F. (2012a) “Aspetos semânticos das frases genéricas no português Europeu”: In *Seminário de Linguística*.
- Oliveira, F. (2012) “Questões de Tempo em Português Europeu”. In *Guião do Seminário Temas de Semântica (Curso de Mestrado em Linguística)*.
- Oliveira, F.; Duarte, I.; Freitas, M. J.; Gonçalves, A. ; Miguel, M. e Rodrigues, C. (2006) “Derivações sintáticas e interpretação semântica”. In *Letras de Hoje*, Porto Alegre, V.41, nº1, p. 143-159.
- Oliveira, F. e L. F. Cunha (2010) “Tipos de Genericidade”. In *Textos Seleccionados APL*, p. 445-459.
- Perez, F. J. D. (2000) *Sperber and Wilson`s Relevance Theory and its Applicability to Advertising Discourse: Evidence from British Press Advertisements*, in Atlantis, Revista de la asociación Española de Estudios Anglo-Norteamericanos.
- Reichenbach, H. (1947) *Elements of symbolic logic*, London, Macmillan, p. 287-297.
- Rojo, G. e A. Veiga (1999) “El tiempo verbal. Los tempos simples”, in Bosque, I. & V. Demonte, (eds) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Vol. 2. Madrid, Espasa, p. 2869-2934.
- Silvano, P., (2002) *Sobre a semântica de tempos em Português Europeu. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas*. Universidade do Minho, Dissertação de Mestrado.
- Verkuyl, H. (2012) “Compositionality”, In Binnick, R. (ed.) *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*, New York, Oxford University Press, p. 563-585.
- Vlach, F. (1981) “The Semantics of the Progressive”. In P. Tedeschi e A. Zaenen (Eds), *Syntax and Semantics, V. 14: Tense and Aspect*, New York, Academic Press, p. 271-292.